

LOCUS PSICODRAMA

LUCIANA DE SOUSA MARCON

**DO CONCEITO À TÉCNICA: O (RE) CONHECIMENTO DA
UTILIZAÇÃO DO ÁTOMO SOCIAL NO *SETTING* CLÍNICO**

Florianópolis
2016

LUCIANA DE SOUSA MARCON

**DO CONCEITO À TÉCNICA: O (RE) CONHECIMENTO DA
UTILIZAÇÃO DO ÁTOMO SOCIAL NO *SETTING* CLÍNICO**

Monografia, apresentada a Locus
Psicodrama, como exigência final para a
obtenção do título de especialista em
Psicodrama, nível 1.

Orientadora: Dnd. Márcia Pereira
Bernardes.

FLORIANÓPOLIS

2016

LUCIANA DE SOUSA MARCON

**DO CONCEITO À TÉCNICA: O (RE) CONHECIMENTO DA
UTILIZAÇÃO DO ÁTOMO SOCIAL NO *SETTING* CLÍNICO**

Monografia, apresentada a Locus
Psicodrama, como exigência final para a
obtenção do título de especialista em
Psicodrama, nível 1.

Florianópolis, 01 de março de 2016.

APROVADO EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dnd. Márcia Pereira Bernardes
Orientadora - Presidente

Profa. Msc. Monica Duarte Gonçalves
Primeiro Membro

Profa. Esp. Alexandra Sombrio Cardoso
Segundo Membro

AGRADECIMENTOS

Àqueles que constituem meu Átomo Social, minha gratidão!

Pelo conhecimento compartilhado,

Pela confiança e disponibilidade,

Pelo crescimento emocional e profissional,

Pelo aconchego, carinho e companheirismo,

Pelo Amor,

E pelo profundo respeito e fé no ser humano.

**“Mais importante do que a evolução da criação é a
evolução do criador.”**

Jacob Levy Moreno

RESUMO

Marcon, Luciana de Sousa. Do conceito à técnica: o (re) conhecimento da utilização do átomo social no *setting* clínico. Trabalho de pesquisa-ação com pacientes em psicoterapia nas cidades de São José e Florianópolis, SC, 2015 e 2016. Monografia (pesquisa-ação). Especialização em Psicodrama, Nível I - Locus Psicodrama, 2016.

O presente estudo reflete sobre o conceito e a técnica do Átomo Social quanto a sua aplicabilidade no *setting* clínico, promovendo conhecimento e reconhecimento, ampliando as possibilidades de intervenção e promoção da saúde psicológica. Para tanto, utilizou-se o método indutivo, com natureza aplicada de forma qualitativa, com objetivo exploratório e a pesquisa-ação como procedimento técnico. Foram realizadas intervenções em oito processos psicoterapêuticos com a aplicação da técnica do Átomo Social, entre fevereiro de 2015 e fevereiro de 2016. Os participantes da pesquisa consistiram em pacientes de um consultório particular e um grupo de estudantes de Psicodrama. As análises foram realizadas considerando os objetivos terapêuticos, os objetos intermediários utilizados e as contribuições alcançadas. Foi constatado que a utilização do conceito e da técnica do Átomo Social tem aplicabilidade e contribui significativamente na compreensão e intervenção no *setting* clínico, no reconhecimento da rede sociométrica, estabelecimento de vínculo, na identificação da matriz de identidade, promoção de *insight* e da catarse de integração, verificação do desempenho de papéis e da constituição do Eu.

Palavras Chave: Psicodrama, técnicas psicodramáticas, átomo social, *setting* clínico.

ABSTRACT

Marcon, Luciana de Sousa. From concept to technique: the recognition and knowledge of the use of the social atom in the clinical setting. Action research work with patients in psychotherapy in the cities of São José and Florianópolis, SC, 2015 and 2016. Monograph (action-research). Specialization in psychodrama, level I - Locus Psicodrama, 2016.

The present study reflects about the concept and technique of the Social Atom as their applicability in the clinical setting, promoting knowledge and recognition, expanding the possibilities of intervention and psychological health promotion. To this end, we used the inductive method, with nature applied qualitatively, with exploratory objective and action research as technical procedure. Interventions were carried out in eight psychotherapy processes with the application of the technique of the Social Atom, between February 2015 and February 2016. The survey consisted of patients from a private practice and a group of students of psychodrama. The analyses were performed considering the therapeutic objectives, the intermediate objects used and contributions reached. It has been found that the use of the concept and technique of the Social Atom has applicability and contributes significantly in understanding and intervention in the clinical *setting*, in recognition of the sociometric network, establishment of bond, in the identification of the identity matrix, promotion of *insight* and the catharsis of integration, check the performance of roles and of the Constitution of the self.

Keywords: psychodrama, psychodrama techniques, social atom, clinical *setting*.

RÉSUMÉ

Marcon, Luciana de Sousa. Du concept à la technique: reconnaissance de l'utilisation de l'atome social dans la recherche-action cadre de travail clinique avec des patients en psychothérapie dans les villes de São José et Florianópolis, 2015 et 2016. Monographie (recherche-action) Spécialisation en Psychodrame. , Niveau I - Locus Psicodrama 2016.

Cette étude se penche sur le concept et la technique de l'Atom sociale comme son applicabilité dans le *setting* clinique, la promotion de la connaissance et de la reconnaissance, l'élargissement des possibilités d'intervention et de promotion de la santé psychologique. Pour cela, nous avons utilisé la méthode inductive, nature appliqué qualitativement, avec l'objectif exploratoire et de recherche-action comme une procédure technique. interventions ont été réalisées dans huit processus psychothérapeutiques avec l'application technique des Atom Social, entre Février 2015 et Février 2016. Les participants à l'étude se composait de patients dans un cabinet privé et un groupe d'étudiants Psychodrame. Les analyses ont été effectuées en tenant compte des objectifs thérapeutiques, les objets intermédiaires utilisés et les contributions réalisées. Il a été constaté que l'utilisation du concept et la technique Atom sociale a l'applicabilité et contribue de manière significative à la compréhension et l'intervention dans le *setting* clinique, en reconnaissance de sociometric établissement de liaison de réseau, l'identification de la matrice d'identité, la promotion de la *insight* et de la catharsis l'intégration, les rôles de vérification des performances et de la constitution du soi.

Mots-clés: psychodrama, techniques de psychodrame, atome sociale, clinique *setting*.

SUMÁRIO

1.	LISTA DE FIGURAS.....	10
2.	INTRODUÇÃO	11
2.1	Origem do Trabalho	11
2.1.1	Objetivo Geral	12
2.1.2	Objetivos Específicos	13
2.2	Justificativa	13
2.3	Demarcação	14
2.4	Problema de Pesquisa	14
2.5	Hipótese	14
3.	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
3.1	O Psicodrama	15
3.1.1	Conceitos Fundantes	18
3.1.2	Método Psicodramático	21
3.1.3	Técnicas Psicodramáticas	24
3.1.4	Teoria do Desenvolvimento da Matriz de Identidade	27
3.1.5	Teoria dos Papéis e a Constituição do <i>Eu</i>	31
3.1.6	O Papel do <i>Relacional e Vincular</i> na intervenção psicodramática	34
3.2	Átomo Social: do conceito à técnica	36
3.3	O <i>setting</i> clínico e a Psicoterapia Psicodramática	41
4.	MÉTODOLOGIA	43
5.	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS SESSÕES	45
5.1	A Apresentação com o Átomo Social	45
5.2	A Mudança de Lar e seu Reflexo no Átomo Social	50
5.3	A Utilização do Átomo Social no Psicodrama Infantil	54
5.4	A Promoção do Reconhecimento do Tu: o Átomo Social como Instrumento	61
5.5	O Desvelar da Família por meio do Átomo Social Familiar	64
5.6	O Átomo Social como Instrumento de Integração após o Luto	68
5.7	A Utilização do Átomo Social na Checagem do Processo Psicoterapêutico.	74
5.8	O (Re) conhecimento da técnica: a experiência com o Átomo Social no grupo	82
6.	CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
7.	REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	91
8.	ANEXO	93

1. LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 -	1º ÁTOMO SOCIAL DE DENISE	46
FIGURA 02 -	2º ÁTOMO SOCIAL DE DENISE	49
FIGURA 03 -	ÁTOMO SOCIAL DE GABRIELA	51
FIGURA 04 -	1º ÁTOMO SOCIAL DE MARA	56
FIGURA 05 -	2º ÁTOMO SOCIAL DE MARA	60
FIGURA 06 -	ÁTOMO SOCIAL DE DIANNA	62
FIGURA 07 -	ÁTOMO SOCIAL DE ALINE	65
FIGURA 08 -	ÁTOMO SOCIAL DE NATASHA	69
FIGURA 09 -	1º ÁTOMO SOCIAL DE SANDRA	75
FIGURA 10 -	2º ÁTOMO SOCIAL DE SANDRA	79
FIGURA 11 -	ÁTOMO SOCIAL DE RODRIGO	83

2. INTRODUÇÃO

2.1 – Origem do Trabalho

Uma diversidade de fatores foi motivadora para o desenvolvimento deste trabalho. Estudar a técnica do Átomo Social despertou-me interesse desde o início da formação em Psicodrama. Em conversa com uma amiga, descobri a existência da técnica e, desde então, passei a utilizá-la como instrumento valioso na prática clínica. As contribuições para o entendimento da subjetividade dos pacientes foram tamanhas que me impulsionaram a aprofundar os estudos conceituais e a experimentar novas possibilidades em meu trabalho como psicoterapeuta.

Iniciados os estudos para esta pesquisa, tive como consequência a reflexão sobre meu próprio Átomo Social; sua amplitude, mobilidade, intensidade e as dificuldades decorrentes de uma mudança territorial realizada neste período. Portanto, a motivação teórica e prática inicial teve agregada a si a vivência pessoal profunda e reflexiva deste conceito, junção que promoveu vivacidade e veracidade em cada passo deste caminho.

A Psicologia Clínica consiste em uma importante área de atuação psicológica, que envolve a noção de saúde-doença e cuja eficiência está intrinsecamente vinculada à formação teórico-prática do Psicólogo. Dentre as possibilidades de formação, existe o Psicodrama - abordagem psicoterapêutica desenvolvida por Jacob Levy Moreno.

Moreno iniciou o Psicodrama em grupos com constituições diversas: crianças, prostitutas, atores, etc. Suas intervenções foram realizadas, em sua maioria, na modalidade grupal. Alguns teóricos que o sucederam, tais como Dalmiro M. Bustos, José Fonseca e Rosa Cukier, aprimoraram formas de intervenções psicodramáticas processuais e em modalidades diferenciadas, como o psicodrama de casal e o bipessoal. A presente pesquisa foi realizada no *setting* clínico bipessoal e grupal.

Em se tratando de desenvolvimento humano, a teoria psicodramática concede espaço especial às relações estabelecidas entre o indivíduo e seu meio. A forma, qualidade, quantidade e flexibilidade destas relações são categorias fundamentais para o desenvolvimento saudável do ser humano.

No Psicodrama, o conceito de saúde está ligado à capacidade criativa e espontânea, bem como sua flexibilidade no desempenho de papéis. Segundo Gonçalves, Wolff e Almeida (1988), um indivíduo saudável precisa ter desenvolvida a capacidade de

emitir respostas adequadas às novas situações e inovadoras às antigas. Ligado a isto, a quantidade, a qualidade e a flexibilidade no desempenho de papéis¹, constituem categorias relevantes na avaliação do grau de saúde da pessoa. O mapeamento e o reconhecimento das categorias citadas podem ser realizados de diversas formas. Uma destas é a utilização da teoria e da técnica do Átomo Social, cujo reconhecimento é objeto deste estudo.

Neste sentido, o estudo do conceito de Átomo Social é de grande relevância para a avaliação e intervenção do Psicodramatista clínico. Moreno (2007, p. 239), conceitua: *“O Átomo Social é o núcleo de todos os indivíduos com quem uma pessoa se relaciona sentimentalmente, ou que lhe estão vinculados ao mesmo tempo. É o menor núcleo de uma pauta interpessoal de teor emotivo, no universo social.”*

Como técnica no contexto clínico, o Átomo Social consiste na demonstração do universo das relações relevantes de um indivíduo, sejam elas reconhecidas como positivas ou negativas. Santos (1993), a define como uma técnica de auto-apresentação, por meio da qual o paciente fala sobre “seu” pai, “sua mãe”, e todas as relações que qualifica como importantes, de acordo com sua subjetividade. Reconhecer a intensidade das relações do indivíduo, a sua expansividade quantitativa, o equilíbrio entre suas escolhas e rejeições de relações e a dinamicidade destes aspectos poderá trazer diversos benefícios ao processo psicoterapêutico desta pessoa.

Do conceito à técnica do Átomo Social, por meio da pesquisa-ação, este trabalho propõe reflexão, organização do conceito, experimentação de formas diferenciadas de utilização da técnica e a discussão de seus benefícios no *setting* clínico.

2.1.1 Objetivo Geral

Analisar o conceito e a técnica do Átomo Social quanto a sua aplicabilidade no *setting* clínico, promovendo conhecimento e reconhecimento do mesmo.

¹ Segundo Moreno (2007, p. 238), o conceito supracitado “pode ser definido como uma unidade de experiência sintética em que se fundiram elementos privados, sociais e culturais”.

2.1.2 Objetivos Específicos

- Definir o conceito de Átomo Social de acordo com a teoria do Psicodrama;
- Discutir a relevância do conceito de Átomo Social no processo psicoterapêutico;
- Descrever diferentes possibilidades de utilização da técnica do Átomo Social nestes processos;
- Refletir as diferentes possibilidades de aplicação da técnica do Átomo Social na psicoterapia, e;
- Identificar as contribuições da utilização do Átomo Social como conceito e técnica no *setting* clínico.

2.2 Justificativa

Esta pesquisa possui relevância por fomentar a reflexão e discussão do Átomo Social enquanto conceito e técnica no processo psicoterapêutico, ampliando as possibilidades de intervenção e promoção da saúde psicológica. Os pacientes serão beneficiados por meio da leitura conceitual do seu ambiente social bem como da aplicação da técnica com o objetivo de alcançar/resgatar sua criatividade e espontaneidade. Desta forma, e considerando que o conjunto de Átomos Social forma uma rede sociométrica, a sociedade nas quais os pacientes estão inseridos também se beneficiarão destas intervenções.

Em se tratando de um estudo com enfoque na instrumentalização psicoterapêutica, promoverá objetividade e organização no tratamento psicológico clínico com benefícios para pacientes e psicoterapeutas. No campo do Psicodrama, os resultados desta pesquisa promoverão a estruturação de informações teórico-práticas acerca do Átomo Social, atualmente escassas, que poderão servir como base para novos estudos referentes ao tema.

A proposta de ampliação da utilidade da técnica no *setting* clínico fomentará criativas intervenções psicoterapêuticas, relevantes no *fazer e pensar* Psicodramático. Por fim, a reflexão e a ampliação do reconhecimento dos benefícios da utilização da técnica do Átomo Social instigarão seu emprego por parte dos Psicodramatistas.

2.3 - Demarcação

Trabalho realizado por meio do estudo da aplicação da técnica do Átomos Social em casos clínicos atendidos em consultório particular, na cidade de São José/SC, e na Clínica Locus, na cidade de Florianópolis/SC, durante o ano de 2015 e 2016. Foram estudadas sessões de Psicodrama nas quais a técnica do Átomo Social foi utilizada, com adultos, jovem e criança. A escolha das intervenções para este estudo foi realizada com base nos diferentes objetivos e ganhos psicoterapêuticos, com o intuito de reconhecer as contribuições da técnica do Átomo Social e de sua leitura conceitual dentro de cada processo.

Foram analisadas oito intervenções com a técnica do Átomo Social: cinco sessões de psicodrama bipessoal com adultos, uma sessão de psicodrama infantil, uma sessão de psicodrama com uma jovem e uma sessão de psicodrama em grupo. Estas intervenções foram realizadas entre os meses de setembro de 2015 e fevereiro de 2016.

A utilização da técnica foi realizada de acordo com a demanda observada em cada processo. Desta forma, as sessões que serão apresentadas foram realizadas em diferenciados momentos nos processos psicoterapêuticos.

2.4- Problema de Pesquisa

O conceito e a técnica do Átomo Social tem aplicabilidade e contribuições significativas no *setting* clínico?

2.5 - Hipótese

A utilização do Átomo Social, como conceito e técnica, tem aplicabilidade e contribui significativamente na compreensão e intervenção no *setting* clínico.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 – O Psicodrama

A *Socionomia* é o marco teórico desenvolvido por Jacob Levy Moreno. Sua origem e desenvolvimento foram marcados pela “ação” anterior à “teorização”, sendo esta característica constituinte de seu criador. Consiste em uma ampla compilação de conceitos, testes e técnicas e é dividida em três frentes: a *Sociodinâmica*, a *Sociometria* e a *Sociatria*. Segundo Moreno (2007), a *Sociodinâmica* consiste no estudo da dinâmica dos grupos, como funcionam. O mesmo autor afirma que a *Sociometria* consiste no estudo do desenvolvimento e estrutura dos grupos, enquanto que a *Sociatria* diz respeito às intervenções das disfunções grupais.

Moreno (2007), insere o termo Psicodrama como uma das formas de intervenção e investigação da Sociatria - e sobre a qual esta pesquisa foi realizada. Há uma importante diferenciação entre estas palavras, todavia, o termo Psicodrama é comumente utilizado para se referir a Socionomia.

Para além da ciência, Moreno propôs uma nova perspectiva de mundo baseada na espontaneidade e na criatividade – conceitos base de toda sua teoria. Marineau (1992), descreve Jacob Levy Moreno como um “visionário criador”, cuja produção científica se entrelaça com fragmentos de sua história de vida. A compreensão da teoria socionômica está associada ao reconhecimento da trajetória de vida de Jacob Levy Moreno.

A história familiar, a religiosidade, o teatro, o Existencialismo Cristão de Kierkegaard, a Dialética de Marx, o Hassidismo e a Fenomenologia de Husserl são influências importantes na construção da teoria Moreniana, segundo Marineau (1992) e Guimarães (2000).

Moreno nasceu em Bucareste, capital da Romênia, no ano de 1889. Primogênito de seis filhos, desde muito cedo ocupou lugar de destaque na família. Sua mãe, Paulina Iancu, quando na situação de raquitismo agudo do filho, recebeu orientações de uma cigana e uma profecia: “*chegará um dia em que esta criança se tornará um grande homem. Chegará gente de todo o mundo para vê-lo. Ele será homem sábio e bondoso*”. (Marineau, 1992, p. 29) Desde então, Jacob recebeu lugar de destaque na família, como um enviado de Deus cuja missão seria essencial para a humanidade. Com os irmãos, conforme Marineau (1992), Moreno estabeleceu uma relação distante; quando brincava escolhia jogos altamente simbólicos e não admitia que estes o chamassem pelo seu

primeiro nome. Segundo o mesmo autor, Moreno afirmou ter sido a infância a época mais feliz de sua vida, na qual a brincadeira tinha lugar central e o drama conjugal dos pais era ignorado. A separação dos pais, ocorrida mais tarde, foi um episódio difícil de ser elaborado por Moreno; ressentiu-se com a mãe e “desacreditou” no matrimônio.

Moreno descendia de judeus da Península Ibérica; o pai judeu espanhol e a mãe eslava. A família emigrou para a Turquia, Mar Negro e para as margens do Rio Danúbio. Em 1895, a família se radicou na cidade de Viena, na Áustria, onde Moreno cresceu, estudou Filosofia e Medicina e iniciou seus trabalhos com o Teatro Espontâneo (GUIMARÃES, 2000).

A influência teatral na obra de Moreno é incontestável. Isto pode ser constatado desde os conceitos às técnicas, da montagem teatral à transformação, da imaginação à realidade. Com a descoberta do caráter terapêutico que o Teatro poderia proporcionar ao ator, Moreno passou a “jogar” e a construir o Psicodrama, segundo Massaro (1996). Desde a “brincadeira de Deus” até a criação das técnicas psicodramáticas, a influência do Teatro foi essencial.

A contribuição do existencialismo de Kierkegaard à constituição da teoria Moreniana está no *Seinismo* (ciência do “ser”). Neste, o “ser” e o “saber” são inseparáveis, sendo a primeira uma pré-condição para a segunda. Os princípios básicos do *seinismo* estavam relacionados com o fluxo natural e espontâneo da existência, sem ater-se ao passado ou ao futuro. Se constituía em, conforme Guimarães (2000), influenciadores dos conceitos teóricos do Psicodrama bem como da *Teoria da Espontaneidade*, pois se vive o momento presente, o instante, a espontaneidade e a criatividade.

Outra forte influência à teoria Moreniana foi a dialética de Marx. Nesta, o concreto é a síntese de múltiplas inter-relações, sem a relação absoluta entre causa e efeito. Moreno e Marx, conforme Guimarães (2000), estudaram o homem real, com sua história e inserido em um contexto econômico e social. Neste sentido, a *Teoria dos Papeis* Moreniana dialoga com a dialética de Marx.

Toda teoria Moreniana também foi fortemente influenciada pelos conceitos e visão de “homem infinito” do Hassidismo bem como da “análise da experiência tal qual como se manifesta” da Fenomenologia de Husserl:

Moreno percebia o indivíduo como parte integrante do universo, propondo-lhe uma análise existencial e fenomenológica da sua existência, sem estabelecer limites entre a vida e a morte, entre o eu e os papeis ou entre a

fantasia e a realidade. Com isso, criou um novo conceito de papel, que provém da catarse total oriunda do ato de nascer e libertar-se, vindo o indivíduo como síntese de uma ‘integração sintética de todos os elementos’ presentes na natureza e nos espaços preenchidos pelo indivíduo, em suas relações com o mundo, com as pessoas e com os seus papéis. (GUIMARÃES, 2000 p.21)

Moreno reconheceu quatro berços para o nascimento do Psicodrama: a “brincadeira de Deus”, o teatro com as crianças de Viena, a sessão oficial no teatro “Komoedien Haus” e o Teatro para a Espontaneidade².

Aos quatro anos e meio de idade, Moreno viveu seu primeiro psicodrama. Com alguns amigos, um porão, uma mesa e cadeiras, o menino construiu um céu, onde Deus interagiu com seus anjos. Moreno fez o papel de Deus e sua atribuição foi a de atuar, em cima de uma cadeira. No papel de Deus, comandava as demais crianças que atuavam no papel de anjos. O desfecho desta cena foi a queda de “*Moreno-Deus*” de cima da cadeira, quando atendeu ao pedido dos “*Meninos-Anjos*” para que tentasse voar. A crença de que poderia voar, no papel de Deus, rendeu a Moreno um braço quebrado.

O fascínio pela “brincadeira de Deus” com as crianças permaneceu em Moreno que, entre 1908 e 1911, promoveu teatros de improviso com crianças nos jardins de Viena. Segundo Moreno (2007), o objetivo era proporcionar uma verdadeira revolução em favor da criatividade e espontaneidade das crianças, permitindo-lhes vivenciar os problemas e os direitos característicos desta etapa de vida.

A primeira sessão oficial de Psicodrama ocorreu no dia 1º de abril de 1921, também em Viena, no teatro “Komoedien Haus”. O público deste espetáculo incluiu desde simples cidadãos a representantes de Estado. Quando subiram as cortinas, um “Trono Real” vazio ocupava o palco e o público foi convidado a tomar o papel de “Rei”. Segundo Moreno (2007), os espectadores não estavam preparados para se tornarem reis de seu próprio drama, e o trono permaneceu vazio até o final do espetáculo.

A partir de 1922, Moreno passou a dirigir o “Teatro para a Espontaneidade”, o quarto berço do Psicodrama. Os papéis eram distribuídos entre os atores, havia um enredo inicial e a história se desenvolvia através do improviso e com a participação ativa do público. Foi neste contexto que Moreno percebeu e experimentou a propriedade psicoterapêutica no Psicodrama. (MORENO, 2007)

² Atividade realizada em Viena que se converteu em “Teatro Terapêutico”, segundo Moreno (2007).

Territorialmente, o Psicodrama nasceu na cidade de Viena. O contexto científico daquela época era marcado pela ascensão da Psicanálise. Moreno (2007), reconheceu a influência da Psicanálise como corrente de pensamento, adjetivando-a como “diametralmente oposta” ao Psicodrama. O autor assinala o Psicodrama como um marco de transição, conforme citação a seguir:

Historicamente, o psicodrama representa o ponto culminante na passagem do tratamento do indivíduo isolado para o tratamento do indivíduo em grupos; do tratamento do indivíduo por métodos verbais para o tratamento por métodos de ação. Desenvolveu uma teoria da personalidade e uma teoria do grupo que é, tanto no aspecto analítico como no de tratamento, mais profunda, mais ampla e mais econômica do que seus predecessores. (Moreno, 2007 p.59)

O Psicodrama, portanto, representa grande mudança no *pensar e fazer* psicológico.

3.1.1 – Conceitos Fundantes

O Psicodrama tem como característica a “ação”. Todavia, toda a “ação psicodramática” é pautada em uma base teórica consistente, cuja densidade proporciona segurança para os resultados observados através da sua utilização. Segundo Moreno (2007), o homem é um ser social, concebido e estudado através das relações, e que traz consigo os recursos (inatos) de *espontaneidade* e *criatividade*.

A *espontaneidade* ou *fator e* consiste na capacidade humana de responder de forma adequada, a si mesmo e ao meio relacional, às situações novas. A utilização do termo “adequação” está relacionada aos contextos social, cultural e econômico, nos quais o indivíduo está inserido. Portanto, a espontaneidade Moreniana está relacionada à fluidez de respostas que a pessoa apresenta de forma adequada quando avaliada em seu grupo social maior. Para Moreno (2007), o fator que possibilita ao homem, desde seu primeiro dia de vida, superar-se e se impulsionar no sentido da vida é a espontaneidade. Antes mesmo do desenvolvimento dos aspectos cognitivos, segundo o autor, a *espontaneidade* desponta. Está relacionada a aspectos biopsicossociais.

Desde sua inserção no mundo o homem é espontâneo e, em sendo agente de mudanças, torna-se criativo. A *criatividade* é outro conceito fundamental no desenvolvimento da Socionomia Moreniana. Muito embora sua definição não tenha sido

precisamente delimitada, sugere inovação, desenvolvimento e toda produção advinda de respostas inovadoras. *Espontaneidade* e *Criatividade* são recursos indissociáveis. Diz-se que a *Espontaneidade* é catalisadora da *Criatividade*, e ambas constituem parte do conceito de saúde. (MORENO, 2007)

Na visão Moreniana, o indivíduo nasce *espontâneo* e *criativo* e, durante o seu desenvolvimento, segue embotando este potencial. Segundo Moreno (2007), as regras sociais e culturais estanques com as quais a pessoa se relaciona constituirão a *Conserva Cultural*, conceito que abarca tudo aquilo que já está pronto e se mantém em determinada cultura. Toda ação criativa parte de uma *conserva cultural* e, quando perde o caráter espontâneo e criativo, constituir-se-á em uma “nova” *conserva cultural*.

A proposta de resgate da *Espontaneidade* e *Criatividade* e rompimento com a cristalização ocasionada pelas *conservas culturais* constituem o conceito de *Revolução Criadora* de Moreno. Segundo Gonçalves, *et al.* (1988), este rompimento proporcionará terreno fértil para o desenvolvimento de relações mais saudáveis.

Durante o desenvolvimento humano, as relações afetivo-emocionais estabelecidas influirão de forma decisiva na formação da criança. Segundo Moreno (2007), o primeiro reflexo social, a unidade mais simples de sentimento transmitida de um indivíduo para outro, consiste no *fator tele* (ou *fator t*). O *fator t* se desenvolve a partir das relações que a criança faz com o mundo e, conforme o autor, pode acontecer entre pessoas ou entre pessoa e objeto. Consiste na capacidade de perceber de forma mútua, objetiva e interna uma relação. Estabelecer uma *relação télica* significa compreender o outro e, concomitantemente, ser compreendido por este. Moreno (2007), afirma que o desenvolvimento da espontaneidade alimenta a possibilidade do estabelecimento de *relações télicas*.

Muito embora seja possível o treinamento do *fator e* com consequente crescimento do *fator t*, não é possível que uma pessoa estabeleça perenemente uma *relação télica*. Isto porque, conforme Gonçalves, *et al.* (1988), há distorções e equívocos que ocorrem na percepção dos indivíduos quando estão “em relação”. Qualquer fator que bloqueie ou interfira na mutualidade télica de uma relação é considerado *transferência*. No Psicodrama, a *transferência* é o adoecimento da relação; a *patologia do fator t*. Portanto, quanto mais criativo e espontâneo o indivíduo for, mais *télicas* serão suas relações, e menor será a ocorrência das transferências.

A expressão máxima e perfeita da *tele*, levará ao *Encontro*. Moreno (2007), aponta o *Encontro* como um momento no qual a relação está tão *plenamente télica* que não há a necessidade de palavras, gestos ou explicações; há um pleno reconhecimento, acolhimento e compreensão de si e do outro. O autor utilizou a arte poética para expressar o conceito de *Encontro*:

Um encontro entre dois: olhos nos olhos, face a face.
 E quando estiveres perto arrancar-te-ei os olhos
 E colocá-los-ei no lugar dos meus;
 E arrancarei meus olhos
 Para coloca-los no lugar dos teus;
 Então ver-te-ei com teus olhos
 E tu ver-me-ás com os meus.
 Assim, até a coisa comum serve o silêncio
 E nosso encontro permanece a meta sem cadeias:
 O Lugar indeterminado, num tempo indeterminado,
 A palavra indeterminada para o Homem indeterminado. (MORENO, 2007)

O poema “Divisa”, escrito por Moreno, sugere a proximidade, a receptividade, a vivência plena de troca, a compreensão mútua e a captação da essência humana, sem a necessidade de precisão temporal. (GONÇALVES, *et al.*, 1988)

Moreno inseriu uma nova categoria ao tratar do tempo como experiência subjetiva; a categoria de *momento*. Nesta, Moreno exalta a qualidade do momento à sua duração, afirma a relevância do instante de transformação na vida do indivíduo. Segundo, Gonçalves, *et al.* (1988), todas as emoções e sentimentos deveriam ser observados tal qual se apresentassem no momento em que a relação estivesse ocorrendo. Moreno valorizou o *Aqui e Agora* como principal forma de observação e intervenção relacional.

O Psicodrama, por meio da sua teoria e técnica, propõe a liberação de todo o potencial espontâneo e criativo do indivíduo, para possibilitar *relações télicas* e o *Encontro*. Almeida (1982), reconhece o objetivo de cura em todo ato ou processo psicodramático. Neste sentido, o autor, aponta como principal ação terapêutica psicodramática a *Catarse de Integração*.

Catarse de integração significa a mobilização de afetos e a união de todos os potenciais, físicos e psicológicos do indivíduo, para a compreensão fenomenológica do corte psicológico – existencial que a ele é dado num processo de co-existência, co-experiência e co-ação, com os demais participantes do grupo. (ALMEIDA, 1982 p.184)

A *Catarse de Integração* é o momento que permite a dialética entre o subjetivo e o objetivo. Almeida (1982), cita Sartre ao afirmar que se trata da possibilidade de

“exteriorização do interior” e “interiorização do exterior”. O mesmo autor cita Bustos ao afirmar que o “eu” fixado no passado se integra no presente.

Na ação psicodramática, a *catarse de integração* ocorre de forma espontânea, sem induções por parte do diretor. Almeida (1982), cita três formas de catarse de integração no processo psicoterapêutico: a *catarse revolucionária*, que diz respeito a mobilizações e sensibilizações que preparam o indivíduo para posterior aprofundamento; a *catarse resolutiva*, cuja força dramática é característica intensa; e a *catarse evolutiva*, que consiste no somatório gradativo de elementos catárticos que surgem durante todo o processo.

3.1.2 – Método Psicodramático

O Método Psicodramático consiste em uma estruturação da ação dramática, cuja função é possibilitar a *Revolução Criadora*. Independente do *setting* utilizado, para que uma sessão psicodramática aconteça, há que se observar três elementos fundamentais: contextos, instrumentos e etapas. (GONÇALVES, *et al.*, 1988)

São três os contextos envolvidos em toda ação psicodramática: o social, o grupal e o dramático. *O contexto social* é o mais amplo de todos e se refere à comunidade, sociedade no qual o grupo está inserido. É definido como “realidade social”, local onde os indivíduos adoececeram e “berço” de suas queixas para serem trabalhadas em sessão. *O contexto grupal* consiste na realidade específica de cada grupo. Inclui os membros que ali estão naquela data, suas crenças, normas e leis específicas, segundo o autor. Todo grupo, com o passar do tempo, desenvolve sua própria história, o que o diferenciara dos demais. Além disto, a presença ou ausência de uma única pessoa modifica e interfere nas funções dentro do *contexto grupal*. *O contexto dramático* é aquele que existe somente no momento da sessão. É montado pelo *diretor* e pelo *protagonista*. Neste contexto acontecerão as intervenções mais profundas. Tem como característica a atemporalidade, a possibilidade de desenvolvimento de quaisquer papéis. É o “como se” da sessão. (BERMUDEZ, 1970)

A segunda base da ação dramática é constituída pelos *Elementos Psicodramáticos*. São cinco: *Protagonista*, *Cenário*, *Egos Auxiliares*, *Diretor* e *Auditório*. (BERMUDEZ, 1970)

O *Protagonista* é a pessoa cuja angústia aglutina o drama de todo o grupo. É aquele que primeiro agoniza, em determinada sessão. O *Protagonista* terá sua história dramatizada e será observado individual e grupalmente, é como se “emprestasse” seu caminho para que todos trilhassem juntos, rumo à elaboração, elucidação ou encaminhamento de seus próprios dramas. Segundo Bermudez (1970), o drama pode ser protagonizado por uma pessoa, pelo grupo ou ainda por um tema.

O *Cenário* é o local onde a dramatização é realizada, cujas características dependerão do conflito trabalhado e do acordo entre protagonista e diretor. Local onde o discurso é transformado em ação no *contexto dramático*.

Bermudez (1970), define os *Egos Auxiliares* como extensão do *Diretor* e estão a serviço do *Protagonista*, concomitantemente. Têm funções de atores, agentes terapêuticos e investigadores sociais. O *Ego Auxiliar* pode ser uma pessoa treinada ou, por vezes, um membro do grupo.

Outro elemento de uma sessão de psicodrama é o *Diretor* que aglutina as funções de *produtor de cena*, *terapeuta do grupo* e *analista social*. É o responsável pela realização das *etapas psicodramáticas* bem como da manutenção da *tele* entre os membros que estão em cena e o *auditório* e pela interação entre o *protagonista* e seus sentimentos/emoções durante a cena. Também é função do *Diretor* a diferenciação dos *contextos grupais*, o que possibilita ao grupo um campo relaxado de tensões, facilitando a expressão da *espontaneidade* e *criatividade* e o trabalho com os conflitos emergentes. (GONÇALVES, *et al.*, 1988)

O *Auditório*, também chamado *Público*, consiste nos demais indivíduos do grupo, aqueles que não estão em cena, mas “co-vivenciam” o drama representado pelo *Protagonista* e *Egos-Auxiliares*. O *Público* tem participação ativa durante a etapa do *Compartilhamento*. Bermudez (1970), aponta duas funções destas pessoas: ser uma amostra da sociedade para o *Protagonista* e elevar o grau de coesão grupal.

A terceira base da ação dramática refere-se às *Etapas da Sessão: Aquecimento, Dramatização, Compartilhamento*. Em sessões cujo objetivo (também) é o de formação do *Psicodramatista*, há uma etapa extra chamada *Processamento*. (GONÇALVES, *et al.*, 1988)

A primeira *Etapa* de uma sessão psicodramática é o *Aquecimento*, cujo objetivo é preparar o grupo e o protagonista para a ação dramática, conforme Gonçalves, *et al.*

(1988). Nesta etapa, os indivíduos são conduzidos a uma mobilização, com o objetivo de liberação da *espontaneidade*.

(...) se refere à complexa mobilização involuntária do sistema neuromuscular, desencadeada por um ato voluntário qualquer, nos mostrando que até fisiologicamente mudanças e adaptações acontecem. Além do mais, é através do *warming up* que liberamos a espontaneidade necessária para catalisar nossa criatividade. (MORENO, 1974 apud CUKIER, 1992, p. 30)

A relação entre a qualidade da execução da etapa do *Aquecimento* e a validade da sessão é diretamente proporcional. Segundo Bermudez (1970), o *Diretor* é o responsável por este procedimento.

O *Aquecimento* é dividido em dois subtipos: *Aquecimento Inespecífico* e *Aquecimento Específico*. O primeiro é utilizado para preparar o grupo/indivíduo para a retirada do protagonista/tema protagônico. O segundo tem como objetivo aquecer o protagonista para a etapa seguinte, a *dramatização*. São diversas as possibilidades de técnicas para esta etapa do Psicodrama. (CUKIER, 1992)

A *Dramatização* é a etapa na qual o drama é apresentado, vivenciado e transformado. Neste momento da sessão, o protagonista está preparado para trabalhar seus dramas pessoais bem como suas figuras de mundo interno. As técnicas psicodramáticas³, são intensamente utilizadas durante a *Dramatização*. O fechamento desta etapa, conforme cita Gonçalves, *et al.* (1988), consistirá na resolução, no encaminhamento ou na elucidação do drama protagônico. Amato (2002, p. 145) afirma que “na dramatização, nós, psicodramatistas, produzimos na tela de nossa obra, a arte, a psique, a ação, o corpo, os gestos e a fala que fazem a metodologia psicodramática aproximar-se dos rituais e de nossas mais antigas raízes.”

O alcance de um alto grau de *Espontaneidade*, a boa representação do material verbal trazido pelo *Protagonista*, o envolvimento afetivo-emocional, a externalização e representação de figuras internas, a manutenção do *aquecimento* do *Auditório* e a relação da encenação e com a dinâmica do paciente são requisitos fundamentais a serem preenchidos na etapa da *Dramatização*. (BERMUDEZ, 1970)

A última etapa da sessão psicodramática consiste no *Compartilhamento*. Neste momento, todos os membros do grupo expressam aspectos da *dramatização* que os

³ Gonçalves (1993), define as técnicas psicodramáticas como sendo maneiras e formas de agir no Psicodrama.

mobilizaram bem como suas experiências em conflitos semelhantes. Segundo Gonçalves, *et al.* (1988), o *Diretor*, durante o compartilhamento, deve garantir proteção ao protagonista. As expressões deverão ser realizadas de forma simétrica entre os membros, evitando qualquer tipo de crítica ou conselho.

Em se tratando de situações específicas de formação em Psicodrama, há a possibilidade de uma quarta etapa chamada *Processamento*. Neste momento, são abordados e analisados aspectos técnicos e teóricos envolvidos na sessão que acabara de ocorrer. (GONÇALVES, *et al.*, 1988)

O manejo claro, objetivo e seguro destas três vigas de sustentação da ação dramática possibilitará ao Psicodramatista uma ação efetiva e facilitadora rumo à *Revolução Criadora do Protagonista*.

3.1.3 – Técnicas Psicodramáticas

As *técnicas psicodramáticas* são recursos utilizados pelo *Diretor* para desenvolver a ação dramática; constituem caminhos diversos para chegar a um mesmo objetivo. O direcionamento da sessão e a observação da demanda do paciente competem ao *Terapeuta* e deve ser realizada, conforme Gonçalves (1993), considerando o momento da psicoterapia e as características de desenvolvimento psicológico do paciente.

Moreno se inspirou na prática teatral e na teoria da *Matriz de Identidade*⁴ do desenvolvimento para criar as três técnicas base do Psicodrama: o *Duplo*, o *Espelho* e a *Inversão de Papeis*. Todas as demais técnicas utilizadas na ação dramática têm raízes nestas três bases primordiais. (GONÇALVES, 1993)

O desenvolvimento humano, a partir da teoria da *Matriz de Identidade*, desenrola-se em três grandes momentos: a *Identidade Total*, o *Reconhecimento do Eu* e a *Inversão de Papeis*, segundo Moreno (2007). É impossível desvincular a teoria da técnica quando o objetivo é a *Revolução Criadora*. Este é um dos grandes equívocos associados às técnicas psicodramáticas; sua utilização desvinculada da teoria do desenvolvimento.

A técnica do *Duplo* está relacionada ao estágio de *Identidade Total* ou *Indiferenciação*. Nesta primeira etapa, a criança ainda está “misturada” ao mundo; não há o reconhecimento de limites entre “o dentro e o fora”. A indiferenciação é tão ampla que a criança não consegue identificar suas necessidades como próprias e não é capaz de

⁴ Teoria do Desenvolvimento criada por Jacob Levy Moreno.

comunicá-las. Nesta etapa, o bebê precisa de um *Ego Auxiliar* (geralmente a Mãe), que fará a leitura das necessidades que ele ainda não consegue identificar. Fonseca (2008, p. 118), explica a função do *Ego Auxiliar* na técnica do *Duplo*:

A função do ego auxiliar na técnica do duplo é expressar os sentimentos que o protagonista não percebe ou não consegue expressar. Seria um consciente e/ou um inconsciente auxiliar. De uma forma mais ampla, o ‘princípio do duplo’ rege todo o trabalho psicodramático, sendo que o psicodramatista (diretor ou ego auxiliar) funciona sempre como um ego auxiliar, *lato sensu*, como um duplo.

Durante a sessão, sugere Cukier (1992), o ego auxiliar, ou o diretor, deve utilizar o duplo seguindo a seguinte sequência: tomar a postura do protagonista, colocar em dúvida os sentimentos afirmados por este e, por fim, afirmar e concretizar essas novas possibilidades.

O *Espelho* é a técnica psicodramática correspondente ao estágio do *Reconhecimento do Eu*⁵. Neste, a criança observa sua imagem e a reconhece. Durante uma sessão psicodramática, segundo Fonseca (2008), a técnica do *Espelho* proporcionará ao *Protagonista* uma auto-percepção mais aguçada. É como se o paciente se transformasse em espectador de si mesmo.

Cukier (1992), afirma ser o *Espelho* a técnica que melhor favorece o *insight*⁶. Segundo a autora, o fato de o Diretor promover um distanciamento do Protagonista da sua própria imagem possibilita percepções antes não reconhecidas.

Quando a criança chega no estágio da *Inversão de Papeis*⁷, ela já está preparada para reconhecer a si e ao outro e, finalmente, trocar de papel. Significa, segundo Almeida, Gonçalves & Wolff (1988), que o indivíduo consegue sentir e perceber como o outro e, mais que isso, está preparado para olhar a si a partir dos olhos do outro. Vinculada a este estágio do desenvolvimento, está a técnica de *Inversão de Papeis*.

Na técnica da *Inversão de Papeis*, o Protagonista é convidado a tomar o lugar do seu interlocutor na cena e, posteriormente, o seu próprio papel naquela relação. Cukier (1992, p. 46), afirma:

Enfim, essa é uma técnica muito fértil quanto aos dados que pode fornecer, porém sua utilização fica prejudicada quando o paciente não tem condições

⁵ Estágio da teoria do desenvolvimento da Matriz de Identidade na qual a criança reconhece sua identidade. (Fonseca, 2008)

⁶ A percepção da resolução de um conflito. (Cuckier, 1992)

⁷ Estágio da teoria do desenvolvimento da Matriz de Identidade na qual o indivíduo atinge a capacidade plena de realizar uma relação de reciprocidade. (Fonseca, 2008)

de discriminar seu mundo interno do outro. Ou, ainda, pacientes que usualmente conseguem esta discriminação, circunstancialmente (pela dificuldade do tema tratado ou pela intensidade da emoção evocada) perdem esta capacidade.

Outra técnica clássica do Psicodrama é chamada de *Solilóquio*. Neste, o Diretor solicita ao Protagonista que “pense alto”, possibilitando “dar voz ao pensamento”. Cukier (1992), pontua a contribuição desta técnica no redirecionamento da Dramatização por parte do Diretor e na pesquisa de cenas internas que permeiam o imaginário do Protagonista no momento da sessão.

A *Maximização* é uma técnica cuja utilização tem como objetivo a expressão de sinais dissonantes/repetitivos durante o discurso do Protagonista. Consiste na solicitação, por parte do Diretor, do aumento de intensidade de uma fala ou postura do Protagonista. O efeito terapêutico, segundo Dias (1996), é aumentar o nível de aquecimento da cena e a mobilização das emoções.

Concretização é o nome de outra técnica clássica do Psicodrama. Nesta, o Diretor solicita ao Protagonista que reproduza, em seu corpo ou no corpo do Ego Auxiliar, as sensações internas das quais está discorrendo. Dias (1996), destaca como efeito terapêutico da *Concretização* a possibilidade de abertura para as cenas de divisão interna do Protagonista. Isto ocorre pois, ao concretizar, o Protagonista torna externo e objetivo o conteúdo que antes era apenas interno.

A diversidade de técnicas desenvolvidas a partir destas acima explicitadas é muito grande. Dentre estas, a técnica do *Átomo Social*, objeto de estudo deste trabalho. Sobre esta técnica, Cukier (1992, p. 76) discorre:

Como técnica, a investigação dramática do átomo social visa explorar o contexto sociométrico no qual o paciente está se referindo. Pode ser sua família, seu trabalho e as pessoas que dele participam, ou ainda o ambiente da escola que frequenta, etc.

Adiante, o estudo da técnica do *Átomo Social* será aprofundado. O reconhecimento do conceito, da origem da técnica, sua aplicabilidade e benefícios nas intervenções em *setting* clínico serão abordados.

3.1.4 – A Teoria do Desenvolvimento da Matriz de Identidade

A definição de *Matriz de Identidade* consiste no *locus* (lugar) onde a criança é nutrida socialmente; como que uma placenta, cuja função é garantir a segurança, orientação e nutrição do bebê. É o lugar no qual a criança criará suas raízes como base

para seu posterior desenvolvimento; da total dependência à autonomia. (MORENO, 2007)

Nesta perspectiva, Moreno aponta dois universos que se complementam durante o desenvolvimento infantil. O *primeiro universo* é constituído pela *Matriz de Identidade Total Indiferenciada* e pela *Matriz de Identidade Total Diferenciada*; o *segundo universo* consiste na divisão/reconhecimento da *Matriz da Brecha Entre Fantasia e Realidade*. (MORENO, 2007)

A *Matriz de Identidade Total Indiferenciada* consiste no primeiro momento do primeiro universo da criança, segundo Moreno (2007). Nela, não há a diferenciação entre organismos vivos e objetos, mas a continuidade e sobreposição destes. Não existe inter-relação, pois o bebê não reconhece o outro como diferente de si; o seio, o leite, as pessoas e quaisquer objetos são continuidade do próprio bebê.

O período da *Matriz de Identidade Total Diferenciada* é caracterizado pela diferenciação entre o *Eu* e o *tu*. Neste, afirma Moreno (2007), a criança diferencia de si as demais pessoas e objetos e os distingue. É neste momento que inicia, de fato, a possibilidade de inter-relação e o desenvolvimento do *fator tele*.

O *primeiro universo* da criança, período estimado do nascimento até os três anos de idade, tem como característica a ausência da noção de passado e futuro e uma vivência intensa e “inteira” do presente. Esta característica justifica o que Moreno (2007), denominou *fome de atos* da criança – a forma ávida, total e dependente como a criança vive neste momento.

Com o desenrolar do seu desenvolvimento, a criança passa a diferenciar a fantasia da realidade. A esta possibilidade Moreno (2007), denominou *Matriz da Brecha da Fantasia e Realidade* – início do *segundo universo* da criança.

Apesar de ocorrer uma divisão na personalidade, o esperado é que não haja uma dicotomia entre os mundos da fantasia e da realidade. Quanto maior a capacidade de transitar conscientemente entre estes “mundos”, mais saudável será o desenvolvimento da criança. Segundo Moreno (2007), é a espontaneidade consciente e construtiva que garantirá o domínio desta fluidez.

A vivência saudável da *Matriz da Brecha da Fantasia e Realidade* é base do desenvolvimento dos *papeis sociais*, ligados à referência de realidade, e dos *papeis psicodramáticos*, referência da fantasia. Além deste desenvolvimento, segundo Moreno (2007), a criança poderá diferenciar estas duas novas categorias de papeis às dos papeis

psicossomáticos, que estão ligados à referência biológica. A *Teoria dos Papéis* será abordada de forma mais ampla no item seguinte.

Com o intuito de tornar mais didático o estudo da *Matriz de Identidade*, e pautado em reflexões da experiência clínica, Fonseca (2008), desdobrou os três períodos acima descritos em dez fases: *Indiferenciação, Simbiose, Reconhecimento do Eu, Reconhecimento do Tu, Relações de Corredor, Pré- Inversão, Triangulação, Circularização, Inversão de Papéis* e *Encontro*. As fases de *Indiferenciação, Simbiose, Reconhecimento do Eu e Reconhecimento do Tu* são vividas durante o *primeiro universo* da criança; *Relações de Corredor, Pré-Inversão, Triangulação, Circularização, Inversão de Papéis* e *Encontro* a partir do *segundo universo*.

A fase da *Indiferenciação* corresponde ao caótico, à Matriz de Identidade Total e Indiferenciada assinalada por Moreno. Segundo Fonseca (2008), durante esta primeira fase o bebê necessita de constantes *duplos* dos seus *egos auxiliares*, para que tenham suas necessidades atendidas. Há uma total dependência do “mundo” para sobreviver, pois não há a diferenciação entre o *eu* e o *não-eu*. Nos casos das psicoses mais regressivas, o adulto vive nesta *Indiferenciação* e a intervenção psicoterápica terá como objetivo possibilitar sua “rematização” para a fase seguinte.

Com o desenvolvimento, a criança passa a se diferenciar no caótico total. Inicia o caminho de individualização no “cosmo”, mas permanece por um período intrinsecamente ligada à “mãe”, ou ao ego auxiliar que desempenha este papel. Esta é a fase da *Simbiose*; ainda que mais organizada em sua matriz, a criança ainda mantém uma ligação direta, como um “*cordão umbilical psicológico*” (FONSECA, 2008, p. 119). Nesta fase não há a inter-relação, tal qual no período da *Matriz de Identidade Total Indiferenciada*. Há, segundo Fonseca (2008), uma inter-dependência entre criança e mãe.

A fase que segue à *Simbiose* é a do *Reconhecimento do Eu*. Nesta, a criança volta sua atenção para si e começa a distinguir suas próprias necessidades das de sua “mãe”. Segundo Fonseca (2008), há um certo egocentrismo pois se sente o “centro do mundo”. Neste momento a criança começa a referir-se a si mesma em primeira pessoa e passa a reconhecer como própria a sua imagem no espelho.

A vivência do *Reconhecimento do Eu* não se esgota e apresenta picos durante toda a vida da pessoa. Fonseca (2008), aponta estes como subsequentes nas fases da adolescência e da senectude. As técnicas que promovem o desenvolvimento desta fase são as do *Espelho* e do *Solilóquio*, descritas no capítulo anterior.

Apesar de considerar concomitante a vivência do *Reconhecimento do Eu* e do *Reconhecimento do Tu*, Fonseca (2008) propõe esta diferenciação quando no momento em que a criança passa a colocar no *outro* o foco de sua atenção. É a fase na qual a existência do outro como “alguém que tem reações às minhas ações” é percebida. O *Reconhecimento do Tu* encerra o período da *Matriz de Identidade Total Diferenciada* e o *primeiro universo*, descritos por Moreno.

A fase que caracteriza o início das inter-relações é chamada de *Relações de Corredor*. Nela, a criança já se percebe como indivíduo, reconhece o *Tu* e sabe que este não se restringe à “mãe”. Fonseca (2008) cita Moreno ao afirmar que é neste momento que ocorre a diferenciação entre Fantasia e Realidade, ou seja, o início do *segundo universo* da criança. Esta passa a estabelecer relações com diversas pessoas, porém, “uma de cada vez”. Possessividade e exclusividade são características dessas relações.

A *Pré-Inversão de Papeis* é a fase na qual, pela espontaneidade e diferenciação entre *Fantasia* e *Realidade*, a criança passa a tomar o papel do outro. Segundo Fonseca (2008), é um treino seguro para a *Inversão de Papeis* que somente poderá ser realizada com mutualidade e reciprocidade numa fase mais madura. Portanto, na *Pré-Inversão de Papeis*, a criança “faz de conta” que é a mamãe, a professora, o irmão, o cachorrinho, etc, sem tolerar, contudo, que o *outro* assuma o *seu* papel.

À sétima fase da *Teoria da Matriz de Identidade*, Fonseca (2008) denomina *Triangulação*. Consiste no momento em que a criança percebe que o *Tu* com o qual se relaciona também estabelece relação com um *Ele* e que, desta, não faz parte. Segundo o autor, há nesta fase o sentimento de traição e o temor de perder o afeto do *Tu* para o *Ele* – já que está excluído desta relação. A vivência saudável desta fase possibilitará à criança relacionar-se com o *Tu*, com o *Ele*, e a percepção de que *Tu* e *Ele* podem se relacionar entre si sem que o *Eu* perca o afeto deles.

Após desenvolver a capacidade de inter-relação com uma e duas pessoas ao mesmo tempo, a criança chega à fase da *Circularização*. Corresponde à possibilidade da vivência sociométrica em grupos. A criança passa a estabelecer relações entre o *Eu – Tu*, o *Eu – Ele* e, finalmente, o *Eu – Nós*. A vivência saudável desta fase possibilitará a socialização da criança. (FONSECA, 2008)

A *Inversão de Papeis* é a fase seguinte, na qual, após o intensivo treinamento de tomada de papéis, o indivíduo dispõe de capacidade *télica* suficiente para estabelecer relações verdadeiramente mútuas e recíprocas. Conforme Fonseca (2008, p. 130), “é a

possibilidade de comunicação verdadeira e profunda entre duas pessoas". Atingir esta fase do desenvolvimento é sinônimo de saúde e maturidade psicológica.

É na fase de *Inversão de Papeis* que o *fator tele* atinge seu ápice. Poder-se-á observar, através da técnica correspondente a esta etapa e que recebe o mesmo nome, se as relações que o *Eu* estabelece são *télicas* ou *transferenciais*. Nas relações transferenciais o *Eu* se relaciona com os fantasmas do próprio *Eu*, cuja trama fica explicitada quando utilizada a *técnica da Inversão de Papeis*. Quando a *transferência* é detectada, há que se observar se ela ocorre para com um *Tu* específico, para com vários *Tu's*, ou se é um aspecto global. (FONSECA, 2008)

Finalmente, e como ápice do desenvolvimento psicológico humano, chega-se à fase do *Encontro*. Fonseca (2008, p. 131), define:

É um instante "louco" que representa um momento de "saúde" da relação. Ganha a conotação de um orgasmo vital, expressa a explosão de "centelhas divinas" na fração de tempo em que acontece a perda de identidade, pessoal, temporal e espacial.

Após o *Encontro*, *Eu* e *Tu* se revigoram e se fortalecem; tornam-se mais intensamente *Eu* e *Tu*. A vivência do *Encontro* traz aos envolvidos uma experiência cósmica, tal qual no início da vida, porém, com "*um êxtase comunicacional maior consigo mesmo, com o outro e com o universo*". (FONSECA, 2008, p. 132)

O conhecimento profundo da Teoria da Matriz de Identidade, articulado com a prática clínica, é essencial para a compreensão da utilização da técnica do Átomo Social proposta neste estudo. Por meio desta teoria, o psicoterapeuta poderá avaliar de forma segura o grau de saúde psicológica do paciente com o qual está trabalhando.

A diferença entre "saúde" e "doença" é uma questão de caminho, sentido, direção. Alguns procuram a "saúde" para a frente, pela "inversão de papéis/experienciação do outro", do Encontro, atingindo o reviver cósmico. Outros buscam para trás, regressivamente. Da mesma forma buscam o cosmos, mas com sentido inverso. Retornam a fases anteriores, permanecem na "doença". (FONSECA, 2008, p. 133)

No Psicodrama, a noção de saúde envolve movimento e ação, e depende do sentido para qual a busca pelo cosmos se direciona.

3.1.5 – A Teoria dos Papeis e a Constituição do *Eu*

O conhecimento da *Teoria dos Papeis* é fundamental para a compreensão da complexidade do indivíduo, bem como, para a intervenção psicológica pelo psicodramatista clínico. É no diálogo entre a *Matriz de Identidade* do sujeito e o desempenho de seus *papeis* que este poderá ser compreendido em sua totalidade.

O termo “papel”, tem origem francesa e deriva do latim *rotula*. Consistia no instrumento utilizado pelos atores teatrais da Grécia e Roma, por meio dos quais as falas eram lidas. Com o decorrer dos séculos, “*cada parte cênica passou a ser designada como um papel ou role*”, segundo Moreno (2007, p. 27). Segundo o autor, eis a confirmação de que o termo papel tem suas raízes fixadas no teatro.

Moreno (2007, p. 27), afirma que os *papeis* são “embriões” para a constituição do *Eu*; são anteriores e constituem o *Eu*. Esta definição é fundamental no entendimento das contribuições da aplicabilidade do *Átomo Social*, como conceito e técnica, pois norteia a direção do olhar clínico sobre o indivíduo. Segundo o autor, “*o papel é a forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos*”.

Como citado anteriormente, o desenvolvimento da Matriz de Identidade da criança está intimamente ligado ao desenvolvimento dos seus papeis. Moreno (2007), diferencia três tipos de papeis: os psicossomáticos, os psicodramáticos e os sociais.

Os *Papeis Psicossomáticos* são desempenhados pela criança desde o momento do seu nascimento, segundo Moreno (2007). Estão relacionados, principalmente, com os aspectos fisiológicos do bebê e consistem nos papeis de ingeridor, defecador, urinator, etc. Todavia, conforme aponta Dias (2008), a fisiologia não é o único fator determinante na formação destes *papeis*; há que se relevar aspectos ambientais e afetivos no *locus* de seu desenvolvimento.

É durante o período da *Matriz de Identidade Total Indiferenciada*, no primeiro universo, que se desenvolvem os *Papeis Psicossomáticos*. Portanto, são eles os primeiros *papeis* que o indivíduo desempenha. (MORENO, 2007)

Durante a *Matriz de Identidade Total Diferenciada*, apesar das diferenciações entre objetos e seres vivos, a criança ainda mescla *realidade* e *fantasia* e, logicamente, não diferencia os papeis sociais e psicodramáticos. É com a ascensão à *Matriz da Brecha Entre Fantasia e Realidade* que a criança passa a desempenhar os *Papeis Psicodramáticos* e os *Papeis Sociais*, segundo Moreno (2007).

Os *Papeis Psicodramáticos* estão relacionados à vida psíquica, às fantasias e individualidades da criança; é a forma como o *Eu* sente, percebe e fantasia determinado papel. Os *Papeis Sociais* versam com constructos definidos socialmente na matriz onde a criança se desenvolve. Conforme Moreno (2007), os *Papeis Psicodramáticos* e os *Papeis Sociais* se desenvolvem quase que concomitantemente e têm como base fundamental os *Papeis Psicossomáticos*.

Para Moreno (2007), todo papel abarca em si aspectos coletivos e individuais. Os coletivos fazem referência às formas que qualquer pessoa manifestaria durante o desempenho de um determinado papel. Os aspectos individuais abarcam a individualidade, a subjetividade com a qual cada pessoa desempenha o mesmo papel.

São três as etapas observadas no desenvolvimento de qualquer papel, segundo Moreno (2007). Inicialmente, o indivíduo “toma o papel”, copia um modelo. A esta etapa, Moreno denominou *Role-taking*. Em seguida, a pessoa passa a jogar, a desempenhar “ações esperadas” para aquele determinado papel – o *Role-playing*. Por fim, e conduzido pela espontaneidade e criatividade, o indivíduo cria sua própria maneira de desempenhar o papel e chega, portanto, à fase definida como *Role-creating*. Segundo Bernardes (2005, p. 44), “estas fases ocorrem gradualmente, de acordo com a experiência que a realidade permite, dependendo do grau de liberdade e espontaneidade presentes”.

A interação entre os papeis propicia a formação de *cachos de papeis*, *agrupamentos de papeis*, *clusters*, referentes às necessidades solicitadas aos papeis complementares correspondentes. Bustos (1990), toma como referência a ordem evolutiva do bebê e define três grupos e agrupamentos de papeis: *cluster materno*, *cluster paterno* e *cluster fraterno*.

No *cluster materno*, há a necessidade de auxílio total. O bebê ainda está totalmente indiferenciado e depende da mãe para sobreviver. Através desta vivência aprenderá a receber, aceitar ser cuidado e conviver saudavelmente quando em vulnerabilidade. Desenvolverá o senso de intimidade e ternura. (BUSTOS, 1990)

O *cluster paterno* diz respeito à ação, ao momento em que o bebê se diferencia dos demais e dos objetos; quando diferencia fantasia e realidade (segundo universo). O bebê, segundo Bustos (1990), empodera-se de sua própria existência e se volta para o mundo. Neste *cluster*, o papel complementar é o pai.

O momento no qual a criança experimenta a possibilidade de relações simétricas, quando lhe é possível circularizar, ela se relaciona com o *cluster fraterno*. Neste, o papel complementar é desempenhado pelos irmãos, amigos, primos, ou qualquer relação simétrica, e o principal aprendizado é o compartilhar. (BUSTOS, 1990)

Concomitante ao desenvolvimento da *Matriz de Identidade* e dos *Papeis*, o indivíduo desenvolve versões parciais do *Eu*: o *Eu Psicossomático*, o *Eu Psicodramático* e o *Eu Social*. Estas três versões, segundo Moreno (2007), integrar-se-ão por meio do contato entre si, ou seja, pelos vínculos operacionais, que resultarão na Constituição do *Eu*.

Tem de se desenvolver, gradualmente, vínculos operacionais e de contato entre os conglomerados de papéis sociais, psicológicos e fisiológicos, a fim de que possamos identificar e experimentar, depois de sua unificação, aquilo a que chamamos o “Eu” e o “a mim”. (MORENO, 2007, p. 26)

A articulação entre a *Teoria da Matriz de Identidade* e a *Teoria dos Papeis* possibilita a compreensão da constituição do *Eu* no Psicodrama. Segundo Salvaro (2004), o *Eu* é constituído socialmente por meio das relações de papéis, no campo da inter-relação e da intra-relação; a primeira relacionada à relação papel-contra-papel e a segunda à conglomeração dos papéis psicossomáticos, psicodramáticos e sociais.

Salvaro (2004), aponta a impossibilidade de dissociação entre o desenvolvimento do *Eu* e do *Outro* quando na análise da articulação entre *Matriz de Identidade* e *Teoria dos Papeis*. Significa dizer que a consolidação do *Eu* somente pode ser realizada socialmente e que, quando há a constituição de um *Eu* há, necessariamente, a constituição de um *Outro*. Portanto, segundo a autora, o indivíduo nasce espontâneo e criativo mas só se constitui enquanto *Eu* nas relações que estabelece em seu meio.

Finalmente, o papel pode ser definido como as formas reais e tangíveis que o eu adota. *Eu*, *ego*, *personalidade*, *personagem*, etc. são efeitos acumulados, hipóteses heurísticas, postulados metapsicológicos, ‘logóides’. O papel é uma cristalização final de todas as situações numa área especial de operações por que o indivíduo passou (por exemplo, o comedor, o pai, o piloto de avião). (MORENO, 2007, p. 206)

O desenvolvimento do *Eu*, portanto, está diretamente relacionado ao desenvolvimento e desempenho de papéis.

3.1.6 – O Papel do *Relacional e Vincular* na intervenção psicodramática

Em se tratando de um estudo voltado para o *setting* clínico, o aprofundamento dos conceitos de *relação* e *vínculo* é fundamental, visto que toda a prática psicodramática está baseada nesta díade. Duclós (1999), ao aprofundar o tema, propõe a diferenciação entre relacional e vincular. Para a autora, o *relacional* diz respeito a qualquer conexão entre objetos, fenômenos e qualidades na qual a modificação de um acarretará/importará na modificação do outro. Já o *vincular* está relacionado a um “nó que ata”, ao caráter de “liga moral” dentro de uma relação. Denota tenacidade, força e profundidade da relação. Segundo a autora, o *relacional* é seguido e ligado ao *vincular*; são continuidade.

O estabelecimento do *clima terapêutico* é responsabilidade do terapeuta e promove a sustentação afetiva que o paciente não recebeu durante seu desenvolvimento psicológico. Esta condição somente poderá ser estabelecida através da *relação* e *vínculo* entre paciente – terapeuta.

Tanto no Psicodrama grupal quanto no *Psicodrama Bipessoal*⁸, duas são as condições para que se alcance o êxito terapêutico: o *clima terapêutico* e a pesquisa orientada e sistematizada, rumo à organização das áreas indiferenciadas do psiquismo do paciente. Segundo Dias (1987, p. 49), “o *clima terapêutico* é um *clima em que existe aceitação, proteção e continência, e vai atuar como uma rede de sustentação*”.

O *relacional* é a base para que se estabeleça o vínculo e está “entre” e “em” todos, conforme Duclós (1999). Quando a autora fala em relação e vínculo, indica a ideia de constante movimento, sustentação e a possibilidade de experimentação de todos os sentimentos.

O caráter qualitativo da relação insere a ideia de vínculo. Bustos (1990), afirma ser, o vínculo, a única noção operativa nas relações interpessoais. Muito embora pontue a mutualidade como característica do vínculo, o autor, atenta para o fato de que a força e o momento do *start* não precisam ser idênticos para as partes em relação.

Nesta perspectiva, e dialogando com a *Teoria da Matriz de Identidade*, a total diferenciação entre o Eu e o Outro é o solo ideal para a germinação do vínculo ideal. Seria, o vínculo, a qualidade da relação que permanece mesmo quando não há mais a dependência encontrada na indiferenciação. Este vínculo é abordado por Dias (1987, p. 142), como *Aliança Terapêutica*: “A *aliança terapêutica* é o vínculo que se estabelece

⁸ Segundo Cukier (1992, p. 17), “*abordagem terapêutica oriunda do psicodrama, que não faz uso de egos auxiliares e atende apenas a um paciente de cada vez*”

entre o terapeuta e a parte sadia do cliente, para que ambos, de comum acordo, passem a pesquisar e tratar da parte indiferenciada do cliente.”

Quanto maior a área de psiquismo saudável do paciente, mais consistente e continente será o vínculo e a aliança terapêutica. Logicamente, quanto mais regredido for o psiquismo, maior será a necessidade de mobilização psíquica e afetiva do terapeuta para o estabelecimento do vínculo.

No Psicodrama, o vínculo é a base de sustentação da intervenção, principalmente nos momentos nos quais o paciente faz contato com as zonas de psiquismo caótico e indiferenciado. Em função disto, e considerando que uma relação télica jamais será unilateral, o terapeuta precisa preparar-se de forma integrada para cada processo que inicia. Ou seja, além do conhecimento teórico – científico, o terapeuta precisa estar em constante expansão do seu psiquismo organizado e diferenciado e, por conseguinte, de sua capacidade relacional e vincular.

Sobre o desenvolvimento do terapeuta, Duclós (1999, p. 5), disserta, no papel do *Relacional e Vincular*:

Sim, no psicodrama há momentos em que transbordo, em inteireza e em grandes intensidades. Mas eu lhes asseguro, para que isto aconteça, o psicoterapeuta precisa ser uma pessoa inevitavelmente comprometida comigo. Por um lado, faço parte ativa e central de seu viver... Mas mesmo assim, precisa me desenvolver em si próprio, me aperfeiçoar, criar conhecimentos e ações, sobre a arte alquímica da inter – subjetividade. Isto requer um profundo conhecimento sensível de si, estudo, técnica, talento, coragem de ser, se ver, se rever, atualizando-se na nebulosidade variável que é o estar no mundo.

Sobre o comprometimento do terapeuta com seu próprio desenvolvimento, Duclós (1997, p.7), aponta a *Compaixão* como o “sentimento-atitude” que deflagra expansão e entrega ao relacional:

É parte da consistência e grandeza do papel de terapeuta o sentimento da Compaixão. Ela é leve, silenciosa e densa. É disponibilidade atenta, solicitude, paciência e escuta. É proximidade fraterna com tudo o que vive. Estabelece a igualdade mesmo onde existam assimetrias, e como para ela nada é estranho no plano humano, coloca o Eu no mesmo mar do Tu, o psicoterapeuta como companhia viva do cliente ou grupo.

Por meio da compaixão, o terapeuta possibilita a igualdade ainda que em relação assimétrica com o paciente.

3.2 – O Átomo Social: do conceito à técnica

A teoria Socionomica de Moreno está, em sua totalidade, relacionada ao social e ao relacional, por meio dos quais a espontaneidade e criatividade são expressas. Como citado anteriormente, a Sociometria é o ramo da Socionomia que estuda as relações dentro dos grupos.

A sociometria foi definida por Bustos (1990), como a ciência das relações interpessoais que contém todos os elementos a elas relacionadas. Neste contexto, o homem é concebido pelo vínculo e é constituído pelos papéis que desempenha em inter-relação. Além disto, modifica seu meio e é modificado por ele, constantemente. Na sociometria, as relações podem ser mensuradas por meio dos sociogramas, que revelam as características das relações dos grupos.

Em se tratando do estudo das relações grupais, o teste sociométrico é um instrumento por meio do qual as relações interpessoais de determinado grupo podem ser mensuradas. Foi a partir das contribuições do teste sociométrico que o conceito de Átomo Social foi definido por Moreno (2007, p. 239), conforme a citação:

O Átomo Social é o núcleo de todos os indivíduos com quem uma pessoa está relacionada emocionalmente ou que, ao mesmo tempo, estão relacionados com ela. É o núcleo mínimo de um padrão interpessoal emocionalmente acentuado no universo social. O átomo social alcança tão longe quanto a própria tele chega a outras pessoas. Portanto, também se lhe chama o alcance tele de um indivíduo. Tem uma importante função operacional na formação de uma sociedade.

Romano (2010), conceitua o Átomo Social como sendo o conjunto de vínculos próximos que constituem a rede de relação de um indivíduo. O início da sua constituição se dá a partir do nascimento do indivíduo e permanece em constante reciclagem, enquanto houver o caráter relacional em sua vida. É dinâmico e infinito, podendo ser acessado, em suas diversas configurações, por meio de lembranças, saudades, mágoas, necessidades ou reencontros.

Estruturalmente, o Átomo Social pode ser reconhecido por meio da observação de tamanho, densidade, composição, dispersão e homogeneidade/heterogeneidade. Funcionalmente, esta observação pode ser realizada pelos tipos de interação das relações, tais como: de companhia social, apoio emocional, regulação social, ajuda material, acesso a novos contatos, entre outros. (ROMANO, 2010)

O conceito de Átomo Social envolve ao mesmo tempo uma perspectiva ampla do social e outra extremamente particular. Em se tratando da perspectiva social, Moreno

(1994), afirmou que a observação detalhada da estrutura de uma comunidade proporciona o reconhecimento da posição concreta de cada indivíduo, bem como das relações que o envolvem. Ou seja, a estrutura de uma comunidade é constituída pela configuração resultante das inter-relações entre os Átomos Sociais.

A perspectiva particular está relacionada com a Teoria dos Papéis e a constituição do *Eu*. Segundo Romano (2010), cada vínculo qualificado como relevante para o sujeito contribui para a constituição do *Eu*, na medida em que este se relaciona com o *outro* por meio dos papéis. Portanto, todos os vínculos que já fizeram parte do Átomo Social mantêm seu caráter constitucional na identidade da pessoa.

Neste contexto, o reconhecimento, as modificações estruturais e funcionais e a promoção da espontaneidade e criatividade no Átomo Social contribuem para mudanças sociais e particulares significativas.

O Átomo Social pode ser constituído por pessoas com quem o indivíduo se relaciona de forma real ou virtual no presente. Da mesma forma, podem constar neste núcleo de relações pessoas com quem o indivíduo se relacionou no passado, mortos ou vivos, ou com as quais imagina que se relacionará no futuro. Estes vínculos podem ser relevantes tanto positivamente quanto negativamente. (MORENO, 1994)

A aplicação prática deste conceito consiste na técnica do Átomo Social. Pode ser utilizada em quaisquer momentos do processo psicoterapêutico, de acordo com a necessidade observada pelo psicodramatista. Não há restrições de utilização no que diz respeito à idade e sexo do protagonista.

No que se refere à aplicação, Dias (1996), sugere que seja solicitado ao paciente que apresente seus vínculos emocionalmente relevantes. Em seguida, pede que os posicione perto ou distante de si, de acordo com a distância que percebe em cada relação. Por último, o autor solicita ao paciente que desempenhe o papel destas pessoas em relação a si mesmo.

No momento em que o paciente começa tomar os papéis do seu Átomo Social, o terapeuta pode se beneficiar de várias formas. Há a possibilidade de solicitar que, no papel de cada pessoa, fale livremente sobre o paciente, por exemplo. Pode-se investigar alguma demanda específica, questionar sobre as maiores dificuldades que encontra na relação com o paciente, etc. Durante a aplicação do Átomo Social, o psicodramatista tem a possibilidade de utilizar diversas técnicas psicodramáticas, de acordo com os objetivos terapêuticos da intervenção e das características e possibilidades do paciente.

Outra possibilidade é a aplicação da técnica do Átomo Social por setorização. Cukier (1992), propõe que o paciente posicione, de forma simbólica, os membros da família, ou do trabalho, ou da escola, entre outros. Portanto, a aplicação do Átomo Social pode ser restringida a um contexto específico. Os setores são tão diversos quanto os objetivos terapêuticos aos quais a aplicação da técnica estará a serviço.

Em se tratando de *setting*, a utilização da técnica do Átomo Social não possui restrições. Muito embora este estudo seja voltado para as contribuições clínicas, a técnica pode ser aplicada em escolas, organizações, praças e tantos outros ambientes, de acordo com o objetivo do trabalho.

No que diz respeito às contribuições da aplicação da técnica do Átomo Social no *setting* clínico, a forma de utilização do objeto intermediário⁹ é bastante relevante. Araújo (1973, p. 2), sugere o uso do objeto intermediário sempre que o paciente apresente os papéis pouco desenvolvidos, ou ainda, quando a utilização dos objetos reais é inadequada ou impossibilitada. A definição feita pelo autor é a de que o “*objeto intermediário pode ser qualquer objeto concreto, ou pessoa, que assuma uma conotação sintática para o paciente e possa servir de mediador entre ele e o ambiente*”.

Para a execução da técnica do Átomo Social, é essencial que o Psicodramatista utilize objetos intermediários. Isto porque, com exceção de uma intervenção em sessão familiar, o objeto real, ou seja, as pessoas reais do Átomo Social não estarão presentes.

O objeto intermediário é utilizado para que o paciente simbolize cada relação emocionalmente relevante. As possibilidades são inúmeras como a utilização de desenhos de frutas, alimentos, pedras, emoções, etc. Pode-se, por exemplo, solicitar que o paciente escolha sentimentos para simbolizar cada relação de seu Átomo Social. Em seguida, faz-se o *link* entre o sentimento escolhido e o que ele representa em cada simbolização.

As características de cada paciente devem ser levadas em consideração e constituem em ricas possibilidades, em se tratando dos objetos intermediários. Um artesão pode utilizar sua produção na simbologia das relações de seu Átomo Social; pode escolher uma escultura para representar cada pessoa e, posteriormente, fazer a relação entre ambos. A utilização de objetos intermediários do universo do paciente proporciona a expressão de afetos de acordo com o seu próprio referencial psíquico.

⁹ Araújo (1973), traz o conceito de *objeto intermediário* como um dos resultados das investigações realizadas pelo psicodramatista Rojas-Bermúdez, com psicóticos crônicos hospitalizados.

Os recursos disponíveis no consultório do terapeuta também constituem possibilidades variadas de objetos intermediários. Neste estudo, foram utilizados desenhos de animais, objetos, almofadas, desenho de personagens de filmes, botões e egos-auxiliares. Foram observadas contribuições específicas de cada objeto intermediário realizado que serão abordadas no capítulo de Apresentação e Análise das Sessões.

Em se tratando da funcionalidade da técnica do Átomo Social, Santos (1993, p. 143), discorre acerca da grande contribuição diagnóstica que pode ser alcançada por meio de sua aplicação:

Então, a função diagnóstica desta técnica é grande: espontaneidade-criatividade ou não no desempenho dos papéis, capacidade para assumir e desempenhar papéis (dificuldades, resistências): a imagem que mostra e que aparece nas falas e ações do personagem e a forma como ele se vê.

A observação da espontaneidade e criatividade com as quais o paciente desempenha determinados papéis bem como da resistência para com outros, pode constituir material valioso acerca da qualidade dos vínculos apresentados. A preferência ou rejeição pela tomada de um papel pode indicar as relações mais saudáveis ou com mais aspectos transferenciais, respectivamente.

Outra contribuição diagnóstica é a avaliação da forma como o indivíduo desempenha os seus papéis em cada relação. Por meio das tomadas de papéis dos membros do seu Átomo Social, o paciente demonstrará suas particularidades. Desta forma, o diretor poderá avaliar quais são os papéis desempenhados em *role-creating*, *role playing* e *role-taking*. Poderá verificar qual destas etapas é predominante no Átomo Social, bem como avaliar a coerência entre a fase do desenvolvimento e o período de existência de cada papel. Estas observações possibilitam dados relevantes acerca do conceito de *Eu* do paciente.

De igual relevância, a observação da quantidade de papéis e relações apresentadas durante a técnica propicia contribuições diagnósticas. Pessoas que restringem seu Átomo Social a papéis familiares, por exemplo, indicam menor investimento emocional nas relações dos demais contextos de sua vida. Ou ainda, o indivíduo que apresenta apenas três relações sugere menor desenvoltura social que aquele cujo Átomo Social contém quinze ou vinte pessoas simbolizadas, por exemplo. Todos estes aspectos propiciam ao psicodramatista amplo reconhecimento de seu paciente.

Quanto à identificação do estágio da Matriz de Identidade no qual o indivíduo se encontra, as contribuições da utilização da técnica do Átomo Social são diversas. A

avaliação da qualidade no desempenho das técnicas de tomada de papel e inversão de papéis pelo paciente indicará a forma como este faz o Reconhecimento do *Eu*, do *Tu* e a Inversão de Papéis.

A versatilidade da técnica do Átomo Social proporciona amplas possibilidades de utilização. Quanto ao local de aplicação, a técnica pode ser realizada em ambiente domiciliar, hospitalar, em salas amplas ou com espaço restrito. Para tanto, o diretor deve escolher o objeto intermediário mais compatível com o local. Por exemplo, a maior ou menor amplitude do cenário disponível definirá pela escolha de almofadas comuns ou em miniaturas.

Esta versatilidade também se manifesta quanto às condições físicas do paciente. O indivíduo com amplas possibilidades de movimento pode ser submetido à técnica sendo solicitado que se desloque pelo cenário, por meio de objetos intermediários diversos. Por outro lado, o paciente hospitalizado ou com restrições motoras se beneficia da técnica por meio da adaptação do objeto intermediário. Por exemplo, pode desenhar seu Átomo Social em uma folha de papel sobre uma prancheta, deitado ou sentado.

Ainda em se tratando de seu caráter versátil, a técnica do Átomo Social pode ser desenvolvida sob o ponto de vista temático. Pode-se, por exemplo, utilizar a técnica restringindo às relações de desafeto, às possibilidades de escolha profissional, às relações póstumas, entre outros. Em todas essas possibilidades de aplicação, a técnica do Átomo Social proporciona riqueza no conhecimento e reconhecimento do paciente por seu terapeuta.

Com relação ao tempo de aplicação da técnica do Átomo Social, o tempo médio necessário é de 40 a 50 minutos. Este intervalo pode variar de acordo com os objetivos terapêuticos, com o material psíquico expressado, com as características da matriz de identidade do paciente, bem como com sua familiaridade com as técnicas psicodramáticas. Há ainda a possibilidade de utilizar o material psíquico mobilizado em sessões subsequentes à utilização da técnica.

Como citado na Introdução, a presente pesquisa propôs estudar outros benefícios relacionados aos objetivos psicoterapêuticos no *setting* clínico. Além da função diagnóstica, foram observadas contribuições no reconhecimento da Constituição do *Eu* após a mudança de lar, no reconhecimento da rede sociométrica de uma criança após a separação dos pais, na promoção do Reconhecimento do *Tu*, com o Átomo Social

no contexto familiar, na integração após elaboração do luto, na checagem de processo psicoterapêutico e na vivência da técnica no psicodrama grupal.

3.3 – O *Setting* Clínico e a Psicoterapia Psicodramática

As contribuições obtidas pelo reconhecimento do conceito e utilização da técnica do Átomo Social podem ser constatadas em diferentes campos de atuação do Psicodramatista. Moreno (1983), discuti acerca do formato terapêutico das intervenções psicológicas. O autor afirma a necessidade da observação do *veículo* ou características ligadas ao local no qual a intervenção é realizada, bem como as *instruções* ou o modo operacional como são realizadas a análise, o tratamento e a cura psicológica. Neste sentido, a proposta desta pesquisa foi alicerçada no *setting* clínico, por meio da análise de sessões de processos de psicoterapia psicodramática.

O conceito de *setting* clínico envolve, além dos aspectos ambientais, todos os acordos existentes entre terapeuta e paciente para o desenvolvimento das intervenções psicológicas. Tem como principal função o estabelecimento de um “espaço novo”, no qual o paciente tenha a possibilidade de desenvolver uma relação assimétrica com o seu terapeuta. Moreira e Esteves (2012, p. 3) definem:

Assim, o *setting* terapêutico se constituiria de regras pré-determinadas e condições específicas de cada dupla. Tendo um início claro e definido, marcado pelo contrato inicial de terapia, mas sendo parte do processo, permeando e guiando todo o tratamento.

A subjetividade do *setting* clínico é mais relevante que seu aspecto concreto. Segundo Moreira e Esteves (2012), a manutenção dos papéis, das regras e da ética está assegurada pelo *setting* mental, e deve ser mantida mesmo que o espaço físico seja alterado, garantindo sustentabilidade para o desenvolvimento da psicoterapia.

Acerca da psicoterapia, Dias (1987, p. 49), a define como sendo uma relação diferenciada com o objetivo principal de promover o desenvolvimento psicológico:

A Psicoterapia nada mais é do que uma relação entre o terapeuta e o cliente, ou o terapeuta, o cliente e outros clientes (grupo), que vai sistematizar e orientar um processo de busca, promovendo o desbloqueio e a aceleração do desenvolvimento psicológico.

O estabelecimento do *setting* clínico adequado para cada psicoterapia é de responsabilidade do psicoterapeuta. Esta delimitação é realizada de acordo com a

abordagem teórica e prática do terapeuta e dos objetivos terapêuticos a serem alcançados. Portanto, o *setting* clínico pode ter sua estrutura física modificada, como nos casos de internação ou impossibilidade de deslocamento do paciente, sem necessariamente ter a necessidade de alteração das suas características subjetivas.

Dentro do Psicodrama, Dias (1987), aponta três principais modalidades de intervenção no *setting* clínico: *bipessoal*, *individual com ego-auxiliar* e *grupal*. O *psicodrama bipessoal* consiste na modalidade psicoterapêutica que se desenvolve com a díade terapeuta-paciente. Já no *psicodrama individual com ego-auxiliar*, o processo se desenvolve com um terapeuta, um paciente e um ou mais egos-auxiliares. O *psicodrama grupal* consiste no processo cujos membros incluem um terapeuta, um grupo e egos-auxiliares.

Muito embora Moreno (1983), tenha afirmado a possibilidade da utilização das técnicas psicodramáticas em modalidades estritamente verbais e com a díade terapeuta-cliente, o autor considerou a modalidade grupal como aquela que possibilita maior fluxo de espontaneidade e criatividade. A emergência das modalidades individual com ego-auxiliar e da bipessoal, ocorreu, conforme Dias (1987), pela necessidade de adaptações para determinados pacientes e terapeutas e/ou por questões econômicas.

Como citado na Introdução, este estudo foi motivado pela percepção das contribuições da utilização do Átomo Social em minha experiência profissional como psicoterapeuta. Muito embora esta tenha sido construída no *setting* clínico bipessoal e grupal, as referentes percepções foram construídas exclusivamente na modalidade bipessoal. A intervenção na modalidade de psicodrama grupal relatada nesta pesquisa ocorreu a partir da proposta de um “novo conhecimento”, ou, “re-conhecimento” da utilização da técnica do Átomo Social.

4. METODOLOGIA

Fundamentada na teoria e prática Psicodramática, esta pesquisa propôs reconhecer as contribuições do conceito e da técnica do Átomo Social no *setting* clínico. Por meio do método indutivo, esta pesquisa de natureza aplicada e forma qualitativa, teve objetivo exploratório e a Pesquisa – Ação como procedimento técnico.

O caminho trilhado para o reconhecimento proposto neste trabalho partiu das nuances particulares de cada momento terapêutico para os benefícios proporcionados pela Átomo Social, enquanto conceito e técnica. Segundo Siena (2007), no método indutivo o conhecimento parte do empirismo e da observação da realidade para posterior ampliação e generalização.

A natureza aplicada desta pesquisa está denotada na proposta de reconhecimento e ampliação da utilidade do conceito e técnica psicodramática do Átomo Social na intervenção clínica, rumo à saúde psicológica. A praticidade a que se propõe a conclusão deste estudo, conforme Siena (2007), define seu caráter de aplicabilidade.

O problema de pesquisa proposto foi estudado de forma qualitativa, na medida em que as contribuições das intervenções foram descritas e observadas para posterior validação. A escolha por esta forma de abordagem foi realizada por sua característica de significação dos dados observados – essencial para o êxito da proposta deste trabalho. Durante a realização das intervenções, as ações tanto do pesquisador (no papel de Diretor Psicodramático), quanto da amostra (no papel do Protagonista da Cena), foram cruciais para o desenvolvimento do estudo. (SIENA, 2007)

O objetivo desta pesquisa tem caráter exploratório por meio do qual buscou ampliar e construir novas possibilidades de utilização do Átomo Social. A familiarização com o conceito psicodramático e a criação diante das probabilidades de ganhos terapêuticos por meio da técnica, são característicos da pesquisa exploratória.

A Pesquisa-Ação foi o procedimento técnico pelo qual o estudo foi realizado; pesquisador e “atores da situação” (Siena, 2007 p. 71), permanecem em constante interação ativa. Enquanto a pesquisa é realizada há a modificação do meio de forma consciente e intencional por parte do pesquisador. O diretor das sessões planejou as intervenções a partir de objetivos terapêuticos previamente estabelecidos e com o objetivo de transformação para o paciente.

Os instrumentos para a coleta dos dados foram os recursos teórico-práticos do Psicodrama, tais como as técnicas, teoria do desenvolvimento, teoria de papéis, entre outras abordadas no capítulo Fundamentação Teórica. Os recursos materiais utilizados consistiram em almofadas, pedras de vidro, botões, caixa de “trécos”, papel e lápis. Os registros foram realizados por meio de fotografias e prontuários.

5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS SESSÕES

As sessões que serão apresentadas¹⁰ a seguir foram realizadas no consultório particular da autora desta pesquisa, na cidade de São José/SC, e na Clínica Locus, na cidade de Florianópolis/SC. Todas estavam inseridas nos processos psicoterapêuticos dos pacientes que as protagonizaram. Elas estão divididas em subitens, de acordo com os respectivos objetivos psicoterapêuticos.

5.1 – A Apresentação com o Átomo Social

Modalidade: Psicodrama Bipessoal

Objetivo Terapêutico: Auto–apresentação

Objetos Intermediários: Folhas e lápis de cor (desenho de animais)

Denise tem 32 anos, é empresária e mora sozinha há dois anos. Buscou psicoterapia para trabalhar questões relacionadas ao seu relacionamento amoroso. A utilização da técnica do Átomo Social foi feita na quarta sessão, com o intuito de apresentação da paciente.

O aquecimento inespecífico consistiu em uma conversa acerca do final de semana. A paciente relatou que os dias foram tranquilos. Apesar de morar sozinha há dois anos, Denise afirmou ter-se dado conta de que fora naquele final de semana a primeira vez que dormira sozinha.

Denise – *É estranho dormir e acordar sozinha. Eu sempre estou rodeada de gente.*

A paciente afirmou que sente facilidade para conhecer e fazer amigos, mas que se sente sozinha, apesar disto. Sugeri que ela me apresentasse as pessoas importantes de sua vida por meio da técnica do Átomo Social. Como a paciente havia afirmado, em sessões anteriores, sua identificação com os animais, sugeri que a técnica fosse realizada por meio de desenhos, com este tema. O aquecimento específico foi iniciado com a seguinte fala:

Diretora – *Denise, você vai colocar aqui as relações emocionalmente relevantes pra você, nesse momento da sua vida. Pra cada pessoa que você trouxer, você vai*

¹⁰ Os nomes utilizados são fictícios.

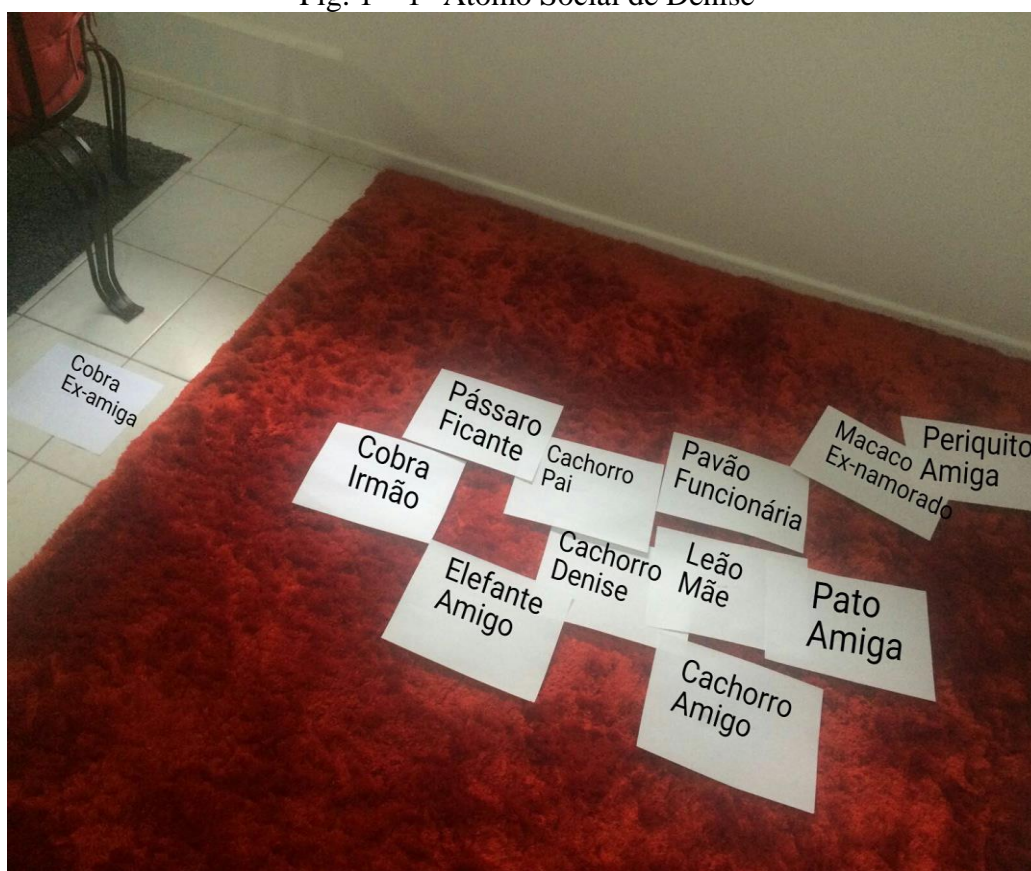
escolher um animal pra representa-la (...) depois, você vai colocar perto ou longe de você, de acordo com como você sente essa relação no dia de hoje.

A etapa da dramatização foi iniciada com Denise desenhando-se como um cachorro. Em seguida, desenhou um leão para representar sua mãe e um cachorro para seu pai. Aline, sua funcionária, foi desenhada como um pavão. Leonardo, seu irmão, foi representado por uma cobra. O ex-namorado foi representado por um macaco enquanto que o atual “ficante” fora um pássaro. Seus melhores amigos foram representados por um periquito, um pato, um cachorro e um elefante. A “ex-amiga”, que define como desafeto, foi representado por uma cobra.

Denise desenhou um animal em cada folha, de forma rápida e sem se preocupar com a estética dos desenhos. Pensou em qual animal corresponderia a cada pessoa cuidadosamente. Esta forma de executar demonstrou a maneira como Denise se apresenta nas suas relações: costuma agir rapidamente, sem se ater aos detalhes mas preservando e refletindo acerca do sentido de suas ações.

A configuração do Átomo Social foi a seguinte:

Fig. 1 – 1º Átomo Social de Denise



Fonte: Produção realizada em consultório particular.

O diálogo a seguir ilustra a primeira pesquisa do Átomo Social construído pela paciente:

Diretora – *Ok, Denise. Agora eu quero que cada animal se apresente pra mim; cada um vai dizer que animal é e quem ele é na vida daquele cachorro ali [aponte para a folha que a representava].*

Na sessão anterior a esta relatada, eu já havia utilizado a técnica da Tomada de Papel com Denise, quando esta relatara vergonha em contar sobre seus dilemas amorosos para outra mulher. Na ocasião, solicitei que ela tomasse o papel da terapeuta. Como a paciente realizou a tomada de papel com tranquilidade, não foi necessário orientá-la durante a técnica do Átomo Social. Seguem alguns trechos das apresentações dos animais/pessoas:

Cachorro (Denise no papel que a representava) – *Eu sou um cachorro. Sou bem simpático e gosto de pessoas ao meu redor. Eu brinco com muita gente e gosto de muita gente. Sou inteligente, sei me comportar e sou fiel.*

Leão (Denise no papel da sua mãe/leão) – *Eu sou uma leoa. Não, sou um leão mesmo. Eu sou do signo de leão. Eu sou bravo e dou ordens.*

Cachorro (Denise no papel do seu pai/cachorro) – *Eu sou um cachorro pitbull. Eu sou bravo, mas quem manda mesmo é a minha mulher, o leão. Eu sou o pai daquele cachorro ali. A gente é parecido. Ela se identifica comigo.*

Cobra (Denise no papel do irmão/cobra) – *Eu fico aqui longe. Eu minto...eu gosto da minha irmã, mas eu minto e coloco ela em saia-justa o tempo todo. Ela não pode confiar em mim.*

Pássaro (Denise no papel do ficante/pássaro) – *Eu sou assim leve. Eu vim na vida da Denise e trouxe leveza...tudo é tranquilo comigo.*

Cachorro (Denise no papel do amigo/cachorro) – *Eu conheço ela pra caramba! Ela é um cachorro de raça! Uma gata...um cachorro que é gata! Mas ela só faz besteira, só escolhe homem errado. E o pior que a gente é quase irmão, daí não me dá tesão, já disse pra ela. Então a gente é amigo e parceiro...e eu sou bem confiável e ela também é.*

Macaco (Denise no papel do ex-namorado/macaco) – *Eu vivo aprontando. Mas eu amo ela, não vivo sem ela...mas faço uma bagunça. Nunca deixo ela em paz! To aprontando por aí...daqui a pouco eu volto e bagunço tudo de novo pra ela.*

Periquito (Denise no papel da amiga/periquito) – *Eu falo pra cacete! Não calo minha boca...ela fica irritada comigo, mas ela só tá aqui porque eu fiquei pentelhando*

ela...ela fica sofrendo, sofrendo...daí ela veio. São vinte anos de amizade aqui! Mas eu sou assim...eu voo pra longe e depois eu volto...sempre falando!

Cobra (Denise no papel do desafeto/cobra) – *Eu já trai ela. Eu não sou peçonhenta, mas incomodo ela um monte! Porque eu sumi...a gente era amiga-irmã, daí eu comecei a namorar e simplesmente sumi! Meu namorado não queria que eu andasse com ela, saca? Daí eu sumi...*

A Tomada de Papel foi a principal técnica utilizada durante o desenvolvimento do Átomo Social. Por meio dela, a paciente fez contato com percepções acerca das pessoas com quem convive e pôde verbaliza-las de forma divertida. Outro aspecto interessante foi o de que Denise passou a apresentar-se pelo olhar de cada animal/pessoa, espontaneamente. A espontaneidade, a forma despojada de falar e a dificuldade em expressar o sofrimento foram evidenciados por meio das tomadas de papel.

Depois destas apresentações, aprofundi diálogo com alguns personagens como o “Ex-namorado/Macaco”, o “Amigo/Cachorro” e a “Desafeto/Cobra”. Além de solicitar que contassem histórias importantes que compartilhavam com Denise, questionei quais demandas a paciente deveria aprofundar em terapia, para cada personagem. Eis alguns trechos:

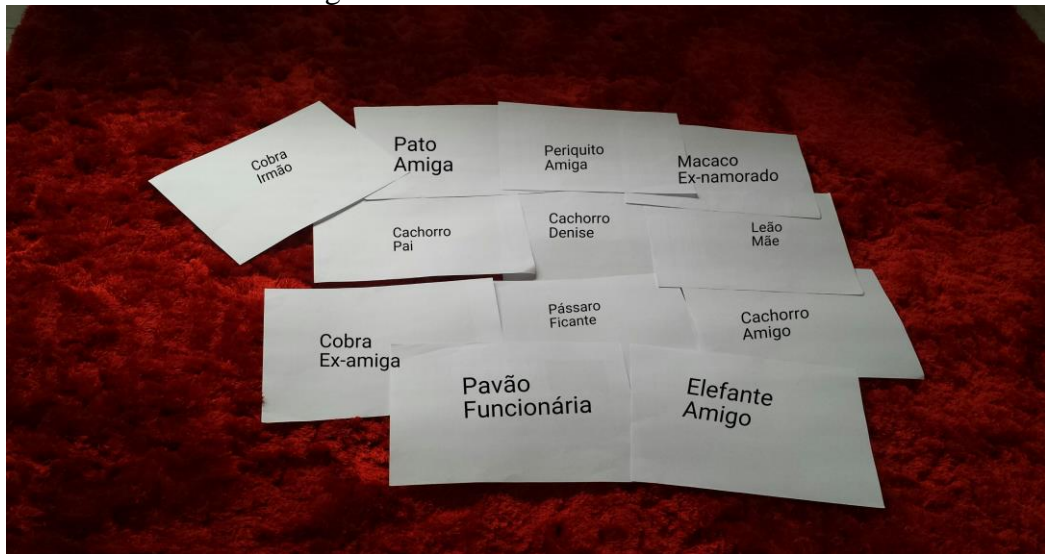
Macaco (Denise no papel do ex-namorado/macaco) – *Ah...ela tem que ver essa coisa dela de querer viver a adolescência dela depois de velha. Ela tem que aceitar que tá ficando velha, que daqui a pouco ninguém vai querer casar com ela. Daí ela vai ver que me ama e vai querer casar comigo de uma vez.*

Cachorro (Denise no papel de amigo/cachorro) – *Acho que ela tem que fazer tratamento pra enxergar a mulher que ela é. Ela não tem noção, e não adianta só falar...sei lá, deve ter a ver com o pai dela, sei lá.*

Cobra (Denise no papel de desafeto/cobra) – *Eu não sei como que tá a vida dela. Mas eu sei que ela sempre se ferrava na mão do Jean [ex-namorado/macaco]. No fundo eu gosto dela, mas fico longe. Essa vida dela não dá assim.*

Quando questionei a Denise como que ela gostaria que fosse o seu Átomo Social se dependesse somente dela alterá-lo, ela construiu a seguinte imagem:

Fig. 2 – 2º Átomo Social de Denise



Fonte: Produção realizada em consultório particular.

Solicitei que a paciente observasse e, em seguida, que dissesse o que mais lhe chamara a atenção. Segue sua resposta:

Denise – *Meu Deus cara! Eu quero todo mundo grudado em mim! Eu acho que eu tenho medo de ficar sozinha, daí quero todo mundo grudado...mas pra ficar bem eu preciso respirar também!*

Por meio da reconfiguração do Átomo Social, Denise teve um *insight* acerca de seu conflito entre permanecer mais tempo sozinha e estar constantemente em eventos sociais. Cukier (1992), afirma que uma das melhores técnicas para a promoção do *insight* é o Espelho. Denise o alcançou por meio da Concretização do seu desejo referente ao seu Átomo Social.

As informações obtidas por meio da utilização da técnica do Átomo Social foram muito ricas. Inicialmente, a forma como Denise se preocupou mais com a essência que com a aparência dos desenhos. A simbologia utilizada para cada personagem proporcionou à paciente o reconhecimento da sua facilidade de adaptação às diversas situações e tipos de pessoas:

Denise – *Eu sou muito adaptável. Eu me relaciono com qualquer tipo de pessoa, porque eu gosto é do lance que rola entre as pessoas...e eu me dou muito melhor com os homens. Pode ver, tem um monte de homem aqui! E quando é amigo é amigo mesmo!*

Ainda em se tratando da simbologia da escolha dos animais, Denise se surpreendeu com a identificação com o pai. Afirmou que sempre se sentiu mais próxima da mãe, mas que parece-se com o pai.

Denise – *Eu gosto de festa igual a ele...eu gosto de agito, eu gosto de namorar!*

Apontei a Denise o conflito entre ser a “festeira” tal qual o pai ou ser a “correta” (casada, com filhos, bem-sucedida), como a mãe. A paciente confirmou e disse que se sente “bipolar”, pois a cada momento decide algo diferente.

Outro apontamento realizado à paciente foi o carinho com o qual falou durante a tomada de papel de sua ex-amiga/desafeto. Denise afirmou, com emoção, que tem desejo de reaproximação da amiga mas que não sabe como conduzir isto. Sente uma distância muito grande e fantasia que a amiga vai “*escolher o namorado*” (sic).

Denise – *Ela vai escolher o namorado dela! O cara não gosta de mim, acha que não sou uma boa companhia...claro que ela vai escolher ele. Se bem que eu digo isso porque eu me afastei dos meus amigos pra ficar com o Jean, né? Que merda isso que eu fiz, cara..*

A utilização da técnica do Átomo Social no início deste processo proporcionou, além do levantamento de conteúdo rico sobre a paciente, o reconhecimento da forma como se relaciona; a oscilação entre a formalidade e o despojamento total foi constante durante toda a etapa da dramatização. A necessidade de integração dessas “duas partes” bem como a promoção de Inversões de Papeis foram objetivos terapêuticos traçados após esta sessão.

Na etapa do compartilhamento, Denise afirmou:

Denise – *Muito massa, cara! Como que pode, eu achei que não ia falar nada e falei um monte de coisas...essa parada aí de ser parecida com o meu pai é verdade. Eu fico pirando porque quero ser a mãe e o pai ao mesmo tempo, mas não da.*

5.2 – A Mudança de Lar e seu Reflexo no Átomo Social

Modalidade: Psicodrama Bipessoal

Objetivo terapêutico: verificar as relações relevantes após a mudança de lar.

Objeto Intermediário: caixa de trecos¹¹.

Gabriela tem 36 anos, é solteira e há 6 meses mora sozinha em seu apartamento. Anteriormente, morava com sua mãe e sua irmã mais nova. Gabriela perdera seu pai 11 anos atrás, por infarto fulminante. Sua outra irmã morava noutra casa, com o marido e

¹¹ Caixa de papelão contendo pequenos objetos diversificados, sem qualquer categorização ou pré-definição.

dois filhos. Com a morte do pai, Gabriela assumiu a posição de mantenedora do lar e se focou no seu desenvolvimento profissional. Buscou psicoterapia, há aproximadamente dois anos, para trabalhar sua dificuldade em se relacionar amorosamente de forma estável.

A sessão com a utilização da técnica do Átomo Social foi sugerida com o intuito de verificar quais eram e como se dispunham as relações emocionalmente relevantes da paciente. A escolha pela utilização da “caixa de trecos” foi baseada no perfil da paciente, que é arquiteta e costuma valorizar a simbologia da estética envolvida em seus trabalhos.

Iniciei o Aquecimento Inespecífico conversando sobre as mudanças em sua vida desde que se havia mudado para seu apartamento. Em seguida, Gabriela apontou para as consequentes mudanças em sua percepção de si mesma e da recente (um mês), mudança de emprego.

Gabriela – *É como se eu mudasse de ares. Tudo se ampliou. Eu estou conhecendo pessoas diferentes, cidades diferentes e instituições diferentes.*

Após este comentário, sugeri à paciente que trabalhássemos no reconhecimento das suas relações importantes daquele momento. Como Aquecimento Específico, solicitei que Gabriela fizesse contato emocional com as relações importantes de sua vida. Apresentei a “caixa de trecos” e pedi que ela escolhesse um objeto para cada pessoa e que o posicionasse de acordo com sua percepção acerca daquela relação. O Átomo Social construído está ilustrado na figura a seguir:

Fig. 3 – Átomo Social de Gabriela



Fonte: Produção realizada em consultório particular.

Gabriela observou os objetos e os escolheu de forma rápida. Ao montar seu Átomo Social, seguiu minha indicação de “ir pensando alto” (técnica do Solilóquio):

Gabriela – *Eu sou a Torre Eiffel...Esse aqui é o Henrique [homem por quem se sente atraída], a calculadora é o pai e a mãe é essa bonequinha ... a borboleta vai ser meus dois sobrinhos. A bolinha de gude é a Joice [irmã mais nova], e essa bola preta aqui é o Daniel [homem com quem teve envolvimento amoroso]. Os meus amigos eu vou usar essa régua de bolinhas...e minha irmã e meu cunhado? (...) tá...vou ter que usar esse casal de noivinhos aqui [risos].*

Diretora – *Gabriela, agora eu quero conversar com esses objetos...tu vais tomar o papel deles e se apresentar, ok? Queres começar por qual deles?*

Gabriela – *Vou começar por mim! Pela Torre Eiffel!* [pegou o objeto]

Diretora – *Torre Eiffel, o que você é?*

Torre Eiffel (Gabriela no papel de Torre Eiffel) – *Eu sou uma obra arquitetônica. Eu também sou um lugar onde as pessoas são pedidas em casamento...sou um lugar romântico...*

Diretora – *É mesmo, Torre? Mas qual sua origem? Você foi planejada pra isso mesmo?*

Torre Eiffel (Gabriela no papel de Torre Eiffel) – *Ah...eu fui construída como uma inovação. Quando eu fui construída, eles tinham desenvolvido uma nova tecnologia de construção em aço. Na época era novidade, e eu fui feita bem grande mesmo, pra mostrar como eu podia ser firme mesmo sendo de aço. Depois eu virei um lugar romântico.* [Começou a rir]

Em seguida, Gabriela escolheu tomar o papel da calculadora que simbolizava seu pai, falecido mas muito presente nos pensamentos e falas da paciente.

Calculadora (Gabriela no papel de calculadora) – *Eu sou um objeto, um instrumento de precisão. Eu tenho números e símbolos que ajudam as pessoas a não cometerem erros...*

Diretora – *Ah...tu ajudas as pessoas a acertarem com exatidão?*

Calculadora (Gabriela no papel de calculadora) – *Exatamente [sorrindo]! Eu sou exatamente exato. E ajudo as pessoas a não errar...*

No papel da bonequinha, que simbolizava sua mãe, Gabriela não apresentou fluidez como nos papéis anteriores:

Bonequinha (Gabriela no papel de bonequinha) – *Eu sou uma bonequinha bem sorridente.*

Diretora – *E o que mais, bonequinha?*

Bonequinha (Gabriela no papel de bonequinha) – *Eu não sei. Meu sorriso é meio caricaturado. Parece que tem mais coisas aqui que eu não expresso.*

A sessão seguiu com a paciente tomando o papel de todos os objetos de seu Átomo Social. Foi comum Gabriela sorrir durante as entrevistas no papel. Ao final das entrevistas, questionei-a acerca dos sorrisos. Gabriela respondeu que se surpreendeu por se dar conta, durante suas tomadas de papel, do quanto as características dos objetos descreviam sua percepção acerca daquelas pessoas e de suas funções em sua vida. Surpreendeu-se pelos significados que os objetos intermediários denotaram de suas relações. Segue um exemplo:

Gabriela – *Eu escolhi a calculadora pra ser meu pai porque ele era contador. Mas eu fui falando e fazia muito sentido...eu sempre me espelhei no meu pai pra construir minha vida profissional (...) eu sou toda organizada e prezo pela qualidade e exatidão do meu trabalho. Mas eu não pensei nisso quando escolhi a calculadora! Eu só pensei que meu pai era contador!*

Em relação a Henrique, o homem por quem está interessada e que conheceu há poucos dias, Gabriela afirmou:

Gabriela – *Eu não conheço o Henrique direito...mas ele aqui [apontou para o chaveiro de um boneco com bola, de aço] ... ele é feito do mesmo material que a Torre Eiffel. Os dois são de aço. E eu e ele parecemos gostar das mesmas coisas, até musicalmente...*

Nos papéis da bonequinha/mãe, bolinha de gude/irmã e casal/irmã e cunhado, Gabriela demonstrou embotamento da espontaneidade e criatividade nas respostas. Quando questionada sobre isto, a paciente afirmou não saber o que havia acontecido, mas que confirmava uma sensação de travamento nestas tomadas de papel.

Para finalizar a etapa da dramatização, solicitei que Gabriela tomasse o papel de cada objeto novamente e dissesse uma frase para a “Torre Eiffel”. A cada tomada de papel, solicitei que a paciente invertesse o papel, conforme trecho a seguir:

Calculadora (Gabriela no papel do seu pai/calculadora) – *Gabriela, acredite nas tuas potencialidades...e vais conseguir alcançar todos os teus sonhos.*

Realizada a Inversão de Papel.

Torre Eiffel (Gabriela) – *Pai, acho que porque eu sou essa torre aqui...eu tenho uma estrutura vazada, apesar de ser de aço. E às vezes eu esqueço que sou de aço e acho*

que não vou permanecer firme por causa desses buraquinhos da estrutura...mas vou me lembrar.

Chaveiro de boneco (Gabriela no papel de Henrique/Chaveiro de boneco) – *Gabriela, eu te conheço há pouco tempo mas...acho que temos muitas coisas em comum, hein? Eu estou com essa bola aqui e vamos deixar a coisa acontecer...quem sabe tu não és a minha artilheira?* [risos]

Realizada a Inversão de papel

Torre Eiffel (Gabriela) – *Eu já entrei em campo, já beijei o gramado e estou disposta a arriscar!*

Na etapa do compartilhamento, Gabriela afirmou que a técnica do Átomo Social propiciou constatar que sua mudança de casa apurou sua percepção de si mesma e de suas relações. Relatou que o distanciamento físico da sua mãe e de sua irmã mais nova possibilitou uma maior compreensão de ambas. Disse que, apesar de perceber a tranquilidade com a qual tem se relacionado com as pessoas de seu Átomo Social, sente que com as irmãs e a mãe ainda existe um “nó” que precisa reconhecer (qual é). Segundo a paciente, a maior mudança observada por meio da técnica foi a do reconhecimento de si mesma e a abertura que teve para as demais transformações da sua vida.

A mudança de lar exigiu de Gabriela novas formas de desempenho de seus antigos papéis e exigiu o desenvolvimento de outros novos. A consequência destas mudanças foi a reconfiguração do conceito de *Eu* da paciente.

Gabriela – *Achei muito interessante como eu dou funções pras pessoas na minha vida...e como parecia que eu tava me apresentando pra ti, mesmo tu já me conhecendo há tanto tempo.*

5.3 – A Utilização do Átomo Social no Psicodrama Infantil

Modalidade: Psicodrama Bipessoal

Objetivo Terapêutico: verificar rede sociométrica após separação dos pais e mudança de cidade.

Objetos Intermediários: almofadas

Mara tem 6 anos e mora com sua mãe e seu irmão (2 anos). Foi trazida para a psicoterapia após a separação dos pais e posterior mudança de cidade; de São Paulo/SP para São José/SC. Sua mãe, Jéssica, observou alteração no comportamento da filha com

períodos de maior agitação e agressividade quando no contexto familiar. A sessão com a utilização da técnica do Átomo Social foi realizada no segundo mês de terapia. A escolha pela utilização da técnica foi feita pela necessidade de reconhecimento da rede sociométrica da paciente.

O contato com a família de Mara era difícil devido à rotina dos membros. A mãe da paciente trabalhava em regime de escala como comissária de voos internacionais e a avó materna, além de trabalhar em horário comercial, era responsável por toda a logística das duas crianças. Os pais estavam separados há 3 meses e mantinham relacionamento bastante hostil, com a comunicação mediada por advogados.

A técnica do Átomo Social foi proposta a Mara como uma “brincadeira nova”. Como Aquecimento, disse-lhe que seria uma brincadeira por meio da qual eu conheceria as pessoas importantes da vida dela. Imediatamente, Mara aceitou e correu para o tapete vermelho, onde comumente o contexto dramático era desenvolvido e o cenário das dramatizações montado. A reação imediata de Mara explicita o que Kaufman & Gonçalves (1988), pontuaram acerca do Psicodrama com crianças, cuja etapa de Aquecimento é curta ou inexistente.

Diretora – *Mara, a primeira coisa que você vai fazer é escolher uma almofada pra ser você.*

Mara – *Essa aqui!!!* [Colocou a almofada no centro do tapete]

Diretora – *Agora você vai sentir no seu coração quais são as pessoas mais importantes da sua vida. Pode ser gente que você gosta, que não gosta, que está vivo, que morreu... e aí você vai escolher uma almofada pra ser cada pessoa.*

Mara – *Tá!*

Diretora – *Você vai colocar mais perto ou mais longe, do jeito que você acha que elas estão na sua vida...se elas estão longe ou perto de você.*

Mara – *E você não vai fazer o seu?*

Diretora – *Eu vou participar ajudando você a fazer o seu.*

Mara – *Tá. Aqui é a mamãe...aqui o Paulinho [irmão mais novo]. E a vovó [materna]...não tá perto nem longe. E esse aqui...o Papai! E a tia Lu [terapeuta] bem aqui! É você! Aqui bem longe é a Letícia que é minha amiga ... e a outra Mara¹² [amiga que tinha o mesmo nome] que elas tão bem longe! Daí aqui a outra vovó [paterna] tá*

¹² Letícia e Mara são amigas da escola de São Paulo.

com o papai e com o outro vovô [paterno] ... daí o vovô tá aqui no enterro [avô materno que é falecido]. E acabou!

Diretora – *Tem mais alguém?*

Mara – *Tem o Rafa [namorado da mãe] que tá lá na minha casa com o meu irmão!*

Mara realizou a primeira parte da técnica de forma objetiva e considerando as distâncias de cada almofada. A facilidade de compreensão e a agilidade com a qual construiu seu Átomo Social me impressionaram. A ordem de escolha dos membros, além da distância das marcações, pareceu ser um indicativo da intensidade com a qual vivenciava cada relação.

Assim que inseriu o namorado de sua mãe, Mara quis alterar a localização do seu pai e do seu irmão no Átomo Social, afastando ambos de si. A imagem construída foi a seguinte imagem:

Fig. 4 – 1º Átomo Social de Mara



Fonte: Produção realizada em consultório particular.

A Almofada vermelha correspondia a Mara. A azul, rosa e preta com franjas correspondiam, respectivamente, a sua mãe, ao seu irmão e ao namorado da sua mãe. No canto superior esquerdo, a almofada vermelha indicava a avó paterna e, acima dela, a almofada preta simbolizava o avô paterno. A almofada correspondente ao seu pai foi colocada abaixo da almofada vermelha. As amigas “Letícia” e “Mara” foram representadas pelas almofadas preta e marrom, na parte superior central. O avô materno e

a avó materna foram marcados por meio das almofadas preta e preta com prata, respectivamente. A pequena almofada estampada correspondia à terapeuta.

Estruturalmente, o Átomo Social de Mara apresentava heterogeneidade de grupos de relações como a família nuclear, os avós, as amigas e a terapeuta. A relação com a terapeuta foi colocada próxima enquanto que as demais foram sinalizadas com distanciamento maior, indicando o momento de mudanças pelo qual a paciente passava.

Expliquei a Mara que o próximo passo daquela brincadeira seria ela “*virar as pessoas*” (sic), na tentativa de explicar a técnica da tomada de papel e posterior entrevista no papel.

Diretora – *Agora você vai brincar de ser as pessoas...vai virar as pessoas. E aí você vai subir na almofada da pessoa e vai conversar comigo como se fosse essa pessoa. Por exemplo, se eu disser ‘Mara, seja a mamãe’. Daí você vai fazer assim, vai subir na almofada da mamãe [subi na almofada que estava mais próxima de mim], e vai falar igual a mamãe.*

Mara - *Mas essa almofada é a vovó. É nessa almofada a mamãe [e apontou para almofada que representava sua mãe].*

Diretora – *Ah! Isso mesmo! Você tem razão, obrigada por me corrigir.*

Este trecho explicita algo peculiar às sessões com Mara. A forma de explicação das técnicas precisava ser adaptada para o universo de compreensão dela. As técnicas “viravam” brincadeiras, os nomes das técnicas eram adaptados e os detalhes de minhas falas observados. A espontaneidade de Mara precisava ser respeitada para que ela conseguisse expressar, à sua forma, suas emoções e sentimentos.

Iniciei as entrevistas dos membros, como no relato a seguir:

Diretora – *A primeira pessoa que você vai ser é a Mara ali da brincadeira [apontei para a almofada que a representava].*

Mara – *Tá! Oba!*

Diretora – *‘Mara da brincadeira’, dá uma olhada ao seu redor...*

Mara da brincadeira (Mara) – *Tá todo mundo aqui! Tem todo mundo pertinho!*

Diretora – *Como você se sente com todo mundo pertinho?*

Mara da brincadeira (Mara) – *Eu acho bem legal porque todo mundo tá aqui!*

Diretora – *Certo...e quem você vai querer ser agora?*

Mara da brincadeira (Mara) – *Primeiro essa Mara aqui vai morrer, tá? [Sai do papel]*

Diretora – *Vai morrer? Por quê?*

Mara – *Porque ela tá morta já...ela vai lá pro enterro.*

Colocou a almofada fora do espaço delimitado.

Mara – *Agora eu sou o Paulinho!*

Subiu na almofada correspondente ao irmão, Paulinho.

O fato de Mara ter “morrido” em seu Átomo Social me impactou. Como a paciente deu continuidade à cena e tomou o papel do seu irmão, decidi seguir seu fluxo espontâneo e retomar “a morte” no decorrer da técnica, quando julgasse oportuno.

No papel de Paulinho, seu irmão mais novo, Mara estabeleceu o seguinte diálogo:

Diretora – *Oi, Paulinho!*

Paulinho (Mara no papel do irmão Paulinho) – *Gugu dadá.*

Diretora – *Ah Paulinho, desculpa! Esqueci que você ainda não fala...mas eu vou fazer uma mágica aqui e você vai poder falar tudo o que quiser nessa brincadeira, tá?*

Fiz um sinal como se fosse uma mágica.

Diretora – *Oi, Paulinho!*

Paulinho (Mara no papel do irmão Paulinho) – *Oi.*

Diretora – *Como é a mana?*

Paulinho (Mara no papel do irmão Paulinho) – *A mana é legal.*

Diretora – *O que você gosta de fazer com a mana?*

Paulinho (Mara no papel do irmão Paulinho) – *Brincar de qualquer coisa.*

Diretora – *E o que você menos gosta?*

Paulinho (Mara no papel do irmão Paulinho) – *Quando ela pega o notebook da mamãe e fica mexendo sozinha.*

Diretora – *E o que você mais gosta na mana?*

Paulinho (Mara no papel do irmão Paulinho) – *O abraço dela bem apertado!*

O irmão Paulinho era a pessoa da família com quem Mara mais convivia, pois estudavam na mesma escola e em período integral. Ao mesmo tempo em que Mara demonstrava carinho, era na relação com o irmão onde mais demonstrava sua raiva e agressividade.

Em seguida, Mara tomou o papel do avô paterno com quem tem uma relação próxima e amistosa. O avô descreveu a paciente como uma menina legal e o Paulinho como um menino “arteiro”.

O membro escolhido, em seguida, foi a “outra Mara”. Segue a entrevista realizada:

Diretora – *Oi “outra Mara”, tudo bem?*

Outra Mara (Mara no papel de “outra Mara”) – *Sim!*

Diretora – *Quantos anos você tem?*

Outra Mara (Mara no papel de “outra Mara”) – *Eu tenho 7.*

Diretora – *E você é amiga da Mara?*

Outra Mara (Mara no papel de “outra Mara”) – *Sim.*

Diretora – *Eu sou a Lu, sou psicóloga da Mara. Mas me diz, como é a Mara?*

Me conta....

Outra Mara (Mara no papel de “outra Mara”) – *Ahh...ela é muito arteira! Ela vê uma coisa e já quer brincar...vê um cachorro e já quer esconder...ela grita muito! ah, eu não acho ela muito legal, não...*

Diretora – *Não?*

Outra Mara (Mara no papel de “outra Mara”) – *Não.*

Diretora – *E você acha que ela gosta de você?*

Outra Mara (Mara no papel de “outra Mara”) – *Não, ela não gosta de mim. Ela me ama (...) eu não sinto nada por ela, agora eu tenho outra amiga aqui em São Paulo. A Mara agora morreu.*

Mara havia trocado de cidade três vezes e nunca havia falado o nome de quaisquer amigos. Suas vivências estavam sempre relacionadas ao contexto familiar. A fala da “outra Mara” confirmou a posição de Mara, no Átomo Social. Questionei o que aquela “morte” queria dizer e Mara disse “*é que ela não existe mais pra eles. Ela sumiu!*” (sic).

Este drama foi desvelado por meio da técnica do Átomo Social. Após a separação dos pais, pouco sobrara de sua vida: outra cidade, outras duas escolas, duas casas e pouca disponibilidade de investimento de tempo da família no vínculo com a paciente. Mara estava aprendendo que os vínculos são frágeis e que podem acabar repentinamente. Em pouco mais de três meses, o pai e a mãe já haviam iniciado novos relacionamentos sem explicar o que acontecera para que a separação ocorresse. Além disto, a técnica do Átomo Social mostrou que, desde a sua mudança para São José, Mara não havia desenvolvido nenhum vínculo novo.

A última entrevista do Átomo Social de Mara foi com o avô materno que estava “enterrado”. O Avô havia falecido há um ano como resultado de um AVC. Mara não participou de nenhum ritual de despedida e a família demonstrava grande dificuldade em abordar o ocorrido. Segue a entrevista realizada por meio da técnica:

Diretora – *Oi, vovô. Como é estar aí enterrado?*

Avô morto (Mara no papel de avô morto) – *É muito chato [alteração de voz para tonalidade mais grave] (...) não é bom. Eu não sei de mais nada. Eu não sei como que tá a Mara. Eu queria trazer ela aqui comigo, posso trazer?*

Mara busca a almofada que a representava no Átomo Social e a segura no colo.

Avô morto (Mara no papel de avô morto) – *Ela é linda. Eu gosto de tudo nela. A gente brincava bastante e conversava (...) mas ela não pode morrer ainda. Ela tem que brincar e ir pra escola ‘bastante’.*

Diretora – *O senhor quer que ela viva?*

Avô morto (Mara no papel de avô morto) – *Eu quero. Morrer não é legal.*

Mara saiu do papel do avô morto e disse que queria que todos os outros morressem porque “eles não existiam mais” (sic). Jogou as almofadas para fora do tapete de forma enérgica. Quando o tapete estava vazio, perguntei como que ela queria que fosse o mundo dela. Mara pegou a almofada correspondente a si mesma, a do seu irmão, da sua mãe e do seu pai. Sozinha, montou a seguinte imagem.

Fig. 5 – 2º Átomo Social de Mara



Fonte: Produção realizada em consultório particular.

Na etapa do Compartilhamento, o seguinte diálogo foi estabelecido:

Diretora – *E aí, Mara? Como se sente depois dessa brincadeira?*

Mara – *Ah, eu achei bem legal que eu matei todo mundo, tia.*

Por meio da técnica do Átomo Social, Mara expressou emoções como alegria, tristeza e raiva. Todas as mudanças vividas em curto espaço de tempo, a morte do avô materno, a separação dos pais, a ausência de explicações, e a impossibilidade de se relacionar como antes com as pessoas identificadas em seu Átomo Social justificavam o processo de luto pelo qual a paciente estava passando.

Outro aspecto significativo foi a presença da terapeuta no Átomo Social da paciente. Como relatado anteriormente, Mara não havia desenvolvido novos vínculos significativos após a separação dos pais. A estabilidade de frequência das sessões de psicoterapia e a forma intensa com a qual se relacionava com a terapeuta indicavam que este poderia ser o início de um novo vínculo para Mara. Porém, a paciente precisou interromper o tratamento duas sessões após a utilização da técnica do Átomo Social, por dificuldades financeiras.

A utilização do Átomo Social no Psicodrama com criança foi valiosa em diversos sentidos. Primeiramente, atendeu ao objetivo terapêutico inicial e proporcionou o levantamento de informações acerca da rede sociométrica de Mara que a família não conseguiu transmitir, ou até mesmo observar. A necessidade de aprofundar as relações e desenvolver novos vínculos também foi evidenciada. O uso da técnica também contribuiu para a expressão de emoções com as quais a família, rede sociométrica atual de Mara, não conseguia suportar, como a raiva relacionada ao luto e o desejo de reconciliação dos pais. Por fim, outra contribuição relevante foi a potencialização da espontaneidade e da criatividade de Mara durante a aplicação da técnica.

5.4 – A Promoção do Reconhecimento do Tu: o Átomo Social como Instrumento

Modalidade: Psicodrama Bipessoal

Objetivo Terapêutico: promover o reconhecimento do Tu na Matriz de Identidade de uma jovem com deficiência intelectual moderada.

Objetos Intermediários: almofadas

Dianna, 19 anos, é solteira, mora com os pais e tem diagnóstico de deficiência intelectual moderada. A vida de Dianna é orientada e organizada pela mãe que costuma acompanhá-la em todas as suas atividades, com exceção à escola. A paciente estuda em escola regular, no segundo ano do Ensino Médio, e é promovida para as séries seguintes, no sistema de Inclusão Escolar.

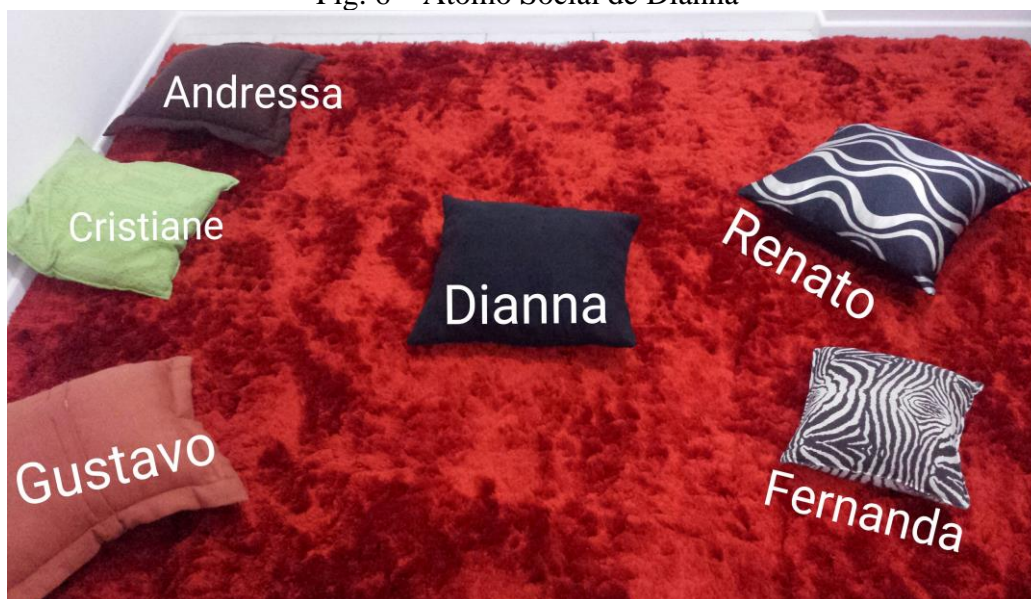
Após as sessões para a verificação da etapa da Matriz de Identidade de Dianna, constatei a necessidade de trabalhar com enfoque no desenvolvimento do Reconhecimento do Tu. A utilização das técnicas do duplo e do espelho são comuns durante as sessões.

O contexto sobre o qual Dianna mais trabalha durante as sessões é o escolar. Este é o local onde se relaciona com pessoas com a idade mais aproximada, encontra desafios pedagógicos importantes e experimenta a vivência de vários papéis (como o de aluna, o de amiga, o de namorada). Com o objetivo de promover o Reconhecimento do Tu, sugeri a utilização da técnica do Átomo Social setorizado, no contexto escolar.

Como Dianna apresenta dificuldades com instruções longas, as consignas da técnica foram dadas de forma curta e espaçadas. Primeiramente, solicitei que Dianna fizesse contato com as emoções que sentia no ambiente escolar. Pedi para que escolhesse uma almofada que representasse a “Dianna da escola” e pedi que tomasse este papel. Como aquecimento específico, solicitei que a paciente deixasse vir à memória as pessoas importantes com quem se relacionava na escola e que as “trouxesse” para a sessão, representadas por almofadas. Este aquecimento foi repetido a cada nova relação identificada pela paciente como relevante.

As pessoas identificadas por Dianna, em seu Átomo Social, foram: Gustavo, Andressa, Cristiane, Fernanda e Renato. Todos eram colegas das turmas do Ensino Médio, com exceção de Cristiane que era professora do coral da escola. A disposição do Átomo Social de Dianna foi a seguinte:

Fig. 6 – Átomo Social de Dianna



Fonte: Produção realizada em consultório particular.

Como forma de auxiliar o entendimento da técnica, solicitei a tomada de todos os papéis de seu Átomo Social e realizei a entrevista no papel de cada um. Segue o trecho de uma das entrevistas:

Diretora – *Quem é você, Andressa?*

Andressa (Dianna no papel de Andressa) – *Eu sou amiga do primeiro ano da Dianna.*

Diretora – *Então você é mais nova que ela....quantos anos você tem, Andressa?*

Andressa (Dianna no papel de Andressa) – *hummm...não sei. Não sei mesmo.*

Diretora – *Sobre o que você conversa com a Dianna?*

Andressa (Dianna no papel de Andressa) – *Sobre os meninos, a novela que ela adora e os passeios que ela faz com a mãe dela.*

Diretora – *E o que você gosta de fazer, Andressa?*

Andressa (Dianna no papel de Andressa) – *Não sei...eu não falo de mim pra Dianna.*

Este formato de diálogo, no qual Dianna não consegue dar informações sobre seu interlocutor, se repetiu com as outras pessoas do seu Átomo Social. A paciente demonstrou surpresa ao constatar que não tem conhecimento dos gostos dos amigos, como na fala a seguir:

Dianna – *Eu não sei quase nada deles! É porque eu sou muito tagarela e não escuto muito eles.*

Diretora – *E como será que eles se sentem com isso?*

Dianna – *Nem imagino!*

Diretora – *Então vamos perguntar pra algum deles! Escolha uma pessoa.*

Dianna – *A Fernanda.*

Diretora – *Fernanda, como você se sente quando a Dianna é muito tagarela e acaba não escutando você.*

Fernanda (Dianna no papel de Fernanda) – *Eu não conto nada pra ela. Eu fico triste porque eu queria que ela me desse algum conselho. Aí eu converso com a Andressa.*

Este trecho de diálogo demonstra o momento no qual Dianna tem um *insight* acerca de seu modo de se relacionar com os colegas de escola. Foi por meio das

repetições de falas nas diversas tomadas de papel em seu Átomo Social que a paciente percebeu o motivo pelo qual seus colegas escolhiam outros pares para se relacionar.

Ao final da sessão, Dianna afirmou que pouco sabe a respeito de todas as pessoas com quem convive. Contou que não se interessa muito pelos sentimentos dos outros e que costuma imaginar que eles sentem as mesmas coisas que ela sente. Questionei se isto acontecia somente com os amigos da escola. Dianna reconheceu que conhece bem sua mãe, mas quase nada sabe sobre seu pai; não sabia dizer onde nem qual tipo de trabalho ele desempenhava.

Neste sentido, a utilização da técnica do Átomo Social proporcionou a Dianna a necessidade de diferenciar os seus sentimentos daqueles sentidos pelo outro com o qual se relaciona. Isto evidencia o que Fonseca (2008), afirma sobre as fases do Reconhecimento do *Eu* e Reconhecimento do *Tu*. O autor fala que este desenvolvimento ocorre de forma concomitante, pois ao passo que a criança reconhece a si mesma ela passa a observar a existência do outro. Somente a partir desta diferenciação, o indivíduo conseguirá estabelecer uma relação. Quando questionada sobre o motivo pelo qual não se interessava sobre “o outro” com quem se relacionava, a paciente se reconheceu “sem assunto”, pois sempre falava das mesmas coisas e não fazia ideia de como iniciar uma conversa de outra maneira.

Na etapa do compartilhamento, Dianna perguntou-me se eu poderia ajudá-la a descobrir outros assuntos para conversar com as pessoas. Esta foi outra contribuição da utilização do Átomo Social para o desenvolvimento da Matriz de Identidade. Nas sessões seguintes, propus jogos de perguntas e respostas, nos quais a paciente dava suas respostas pessoais e, em seguida, deveria responder tomando o papel dos seus pares.

5.5 – O Desvelar da Família por meio do Átomo Social Familiar

Modalidade: Psicodrama Bipessoal

Objetivo Terapêutico: checagem das relações familiares

Objetos Intermediários: papel e lápis de cor (desenho de personagens)

Aline, 36 anos, solteira. Mora na casa dos pais, com o irmão de 32 anos. Uma de suas queixas é a dificuldade em dar prosseguimento aos seus projetos pessoais. Esta sessão foi realizada após 9 meses do início do processo psicoterapêutico quando Aline

percebeu a influência da relação familiar nos boicotes que fazia a si mesma sempre que iniciava um projeto seu.

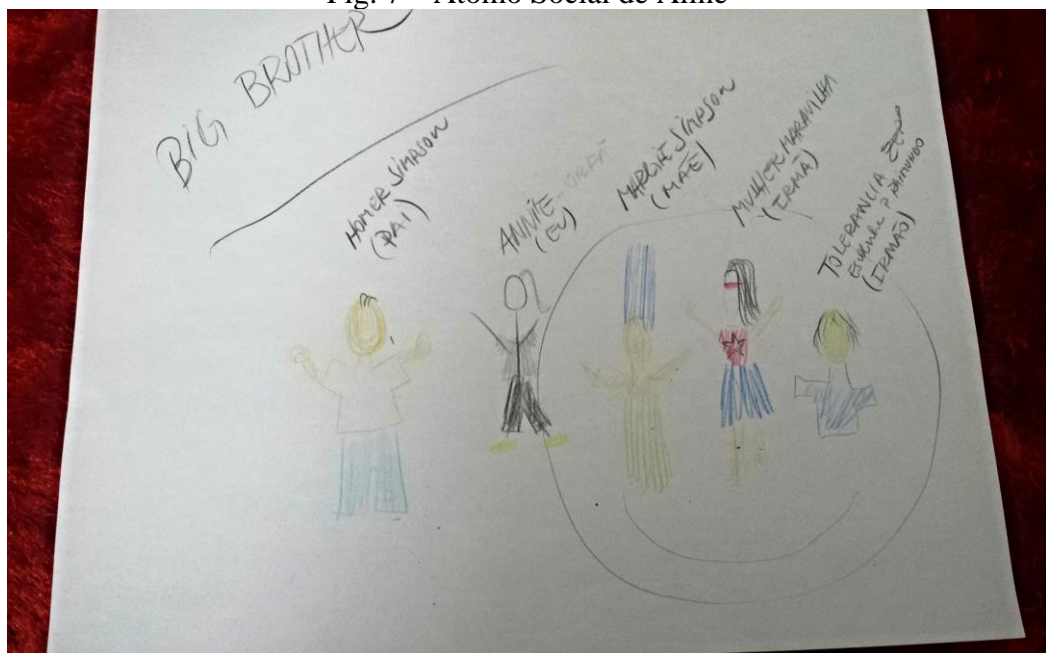
Aline chegou à sessão contando sobre uma conversa que tivera com o homem com quem estava iniciando um relacionamento. Falou sobre a tranquilidade que sentiu, mas aparentava tensão corporal. Quando fiz esta observação, a paciente afirmou estar preocupada com a saúde do seu pai.

Era recorrente o aparecimento de uma preocupação com a família logo após um avanço pessoal de Aline. Com o objetivo de reconhecer as características destes vínculos, propus à paciente a utilização da técnica do Átomo Social setorizado, no contexto familiar.

Ao descrever a técnica citada, Dias (1996), a diferencia em “Átomo Social” e “Átomo Familiar”, de acordo com o objetivo desejado. Segundo o autor, a utilização da técnica do “Átomo Social” tem foco no mundo externo e relacional do paciente, enquanto que a do “Átomo Familiar” apresenta enfoque no universo intrapsíquico. Ainda que especificando para o contexto familiar, o objetivo terapêutico da utilização da técnica no processo de Aline foi o de verificar a estrutura atual de sua família.

Como Aline é apreciadora de filmes, solicitei que desenhasse seu Átomo Social do contexto familiar utilizando personagens para cada membro. Como resultado, a paciente construiu a figura a seguir.

Fig. 7 – Átomo Social de Aline



Fonte: Produção realizada em consultório particular.

A primeira observação realizada por Aline foi a de que desenhou todos os membros “lado a lado”. Afirmou que não foi feito de forma consciente, mas que é exatamente assim que “sente” sua família: “*eu sou a ligação entre meu pai e todos os outros. Eu fico nessa posição de aproximar eles*” (sic). Além desta função de ligação, a paciente afirmou que o desenho retratou o distanciamento com o seu irmão e a interferência da mãe na relação com sua irmã. Por meio da observação da estrutura do seu Átomo Social, Aline reconheceu sua função principal no contexto familiar.

Em seguida, solicitei que cada personagem/familiar se apresentasse. Seguem as falas:

Annie (Annie/Aline) – *Eu sou uma menina órfã. Moro numa casa com muitas crianças abandonadas. A dona da casa é uma bruxa! Ela me usa de empregada! Mas a sociedade adora ela porque ela parece bem boazinha. Mas na verdade ela usa o dinheiro das doações todo pra ela.*

Margie Simpson (Aline no papel de Margie Simpson/Mãe) – *Eu sou uma apaziguadora, eu crio meus filhos e limpo as “cagadas” do meu marido. Todo mundo gosta de mim.*

Homer (Aline no papel de Homer Simpson/Pai) – *Eu sou gente boa. Eu bebo muito. E eu ensino coisa errada pros meus filhos porque eu acho que é certo ... na verdade, eu sou o que eu sou, eu não finjo que sou bom.*

Mulher Maravilha (Aline no papel de Mulher Maravilha/Irmã) – *Tudo que eu faço eu faço bem feito. Eu sou admirada. Todos me apoiam em tudo.*

Tolerância Zero (Aline no papel de Tolerância Zero/Irmão) – *Qualquer coisa eu já grito. Tudo é do meu jeito.*

Quando encerradas as apresentações, Aline relatou perplexidade por ter escolhido uma personagem órfã. A técnica do Átomo Social proporcionou o contato e a expressão de seu sentimento de exclusão em relação aos seus irmãos. Falou sobre o quanto se sentiu, desde muito jovem, na obrigação de agradar seus pais para receber atenção, enquanto seus irmãos “*não precisavam fazer nada*” (sic).

Os sentimentos de raiva e mágoa de Aline em relação à mãe vieram à tona. A paciente pôde perceber e expressar sua raiva pela forma ambígua como a mãe se comporta. Enquanto afirma para os demais familiares que Aline não colabora nas atividades de casa, cobra e delega a ela várias atividades domésticas.

Aline – *Eu tenho que fazer tudo e na hora que ela quer...quando ela me chama pelo apelido mesmo...ui! Eu já penso ‘que merda ela já vai me pedir?’ . Ela só é querida comigo quando quer alguma coisa!*

Aline também expressou os sentimentos de inveja em relação à irmã, que recebe atenção, proteção e admiração diferenciadas da sua mãe. Pelo irmão, reafirmou a raiva por conta de sua postura invasiva e abusiva. Ficou claro para a paciente o quanto o vínculo com a mãe é ambíguo, como o do personagem órfão: ao mesmo tempo em que se magoa com a exclusão realizada pela mãe, Aline faz tudo em função da admiração que deseja receber dela.

Depois da reflexão e expressão das emoções envolvendo os irmãos e a mãe, questionei Aline sobre como se sentia sendo o “elo de ligação” do pai com a família.

Aline – *Às vezes cansa. Eu fico presa e preocupada o tempo inteiro [inicia choro]. Eu sei que ele bebe demais, eu sei que ele não faz nada por ele...mas eu vou perder o chão se ele morrer. Se a minha mãe morrer eu vou ficar triste, mas se o meu pai morrer eu não respiro mais.*

Aline relacionou a forma como se coloca na relação com o pai com o modo que tem se relacionado com os homens por quem se apaixona:

Aline – *Eu fico tentando agradar e quanto mais o cara fica estranho mais eu fico agradando, emprestando dinheiro e oferecendo meu ombro amigo.*

Ao final, pedi que Aline observasse seu desenho e dissesse se ainda havia algo que chamava sua atenção. A paciente falou sobre os rostos dos personagens.

Aline – *Ninguém tem rosto! Acho que ninguém lá em casa pode se mostrar do jeito que é...*

Aline finalizou dizendo que não consegue se desligar dos pais, apesar de todos os sentimentos que expressou durante a sessão. Sente-se responsável pelo bem estar deles e teme por perder a “pouca” admiração que recebe. Afirmou que este vínculo com os pais acaba dificultando a realização dos seus projetos de vida que envolvem uma mudança para outro país. Quis dar um título para o Átomo Social: “*Big Brother* [referindo-se ao programa de televisão], *porque muitas coisas acontecem ao mesmo tempo*” (sic).

A utilização da simbologia dos personagens no Átomo Social de Aline foi essencial para a expressão de sentimentos que a paciente demonstrava dificuldades em reconhecer. Por meio do Átomo Social, a paciente pôde abordar aspectos nunca reconhecidos daqueles vínculos, anteriormente. Este foi o principal motivo pelo qual não

utilizei a inversão de papéis e o duplo, pois a simbologia dos personagens proporcionou a expressão de conteúdos importantes nas falas da paciente. Por meio da entrevista dos personagens, Aline pôde observar, analisar e reconhecer características e emoções envolvidas nos seus principais vínculos familiares.

O Átomo Social proporcionou a Aline percepções relevantes acerca do desempenho de seu papel de filha. Afirmou que a função de manter os irmãos e a mãe ligados ao pai tem como consequência a indisponibilidade de seguir seus projetos pessoais. Constatou o medo intenso de perder o pai, vínculo que assinalou como o mais importante em sua família. Além disto, perceber-se no papel de órfã durante a técnica possibilitou a expressão da raiva advinda do abandono sentido com relação à mãe.

Na etapa do Compartilhamento, Aline afirmou:

Aline – Como que eu consegui falar mais da minha família desenhando do que falando? Como minha família é complicada e até que eu sou normalzinha...

5.6 – O Átomo Social como Instrumento de Integração após o Luto

Modalidade: Psicodrama Bipessoal

Objetivo terapêutico: verificação do átomo social após tratamento para a elaboração do luto do marido e do pai

Objetos Intermediários: almofadas

Natasha tem 37 anos e está em processo psicoterapêutico há um ano e três meses. A busca por tratamento foi motivada pela necessidade de elaboração de luto. Cerca de um ano e meio antes de iniciar a terapia, Natasha perdera o pai e o marido. O pai faleceu após um ano de tratamento contra um câncer. No dia da morte do pai de Natasha, ao receber esta notícia, o marido da paciente foi ao seu encontro e sofreu um grave acidente de carro. Adriano (marido da paciente), morreu no local do acidente. Por volta de quinze dias após a morte do pai e do marido, Natasha descobriu que estava grávida. Todos estes episódios levaram a paciente à vivência de um intenso período de crise, no qual, segundo a paciente, suas emoções e pensamentos ficaram confusos e desorganizados. O objetivo terapêutico inicial foi a elaboração dos lutos e reorganização do seu psiquismo.

Após intenso período de tratamento psicoterapêutico, Natasha voltou “a viver” (sic). Os indícios desta transição foram a retirada da aliança de casamento, o surgimento do interesse por suas atividades profissionais e o aparente desejo de reinserção social. Neste contexto, o objetivo terapêutico da intervenção foi exploratório.

Natasha chegou à sessão relatando que fora a duas festas no final de semana; um aniversário da família do esposo e um show de uma banda. A paciente contou que uma das novas colegas com quem saíra tinha, também, um vínculo com a família do marido e, portanto, ambas estavam juntas nos dois contextos (aniversário e show). Natasha falou sobre como achava interessante transitar nestes contextos, que se sentia como se estivesse transitando nos dois momentos da sua vida (antes e depois das mortes). Considerei esta conversa o Aquecimento Inespecífico para a utilização da técnica e a convidei para trabalhar no contexto dramático.

Pedi para que Natasha se colocasse no centro e mapeasse as relações emocionalmente importantes deste momento de sua vida, como Aquecimento Específico. Prontamente, a paciente iniciou a construção do seu Átomo Social, conforme a figura a seguir:

Fig. 8 – Átomo Social de Natasha



Fonte: Produção realizada em consultório particular.

A almofada amarela representou a paciente “*aqui eu sou o sol*” (sic). A primeira relação retratada foi a da filha Bianca, com a almofada rosa. Em seguida, colocou sua mãe (almofada azul), o irmão e a irmã (almofadas estampadas mais próximas dela) e seus respectivos cônjuges (estampadas mais distantes). O pai e o marido Adriano foram representados pelas almofadas pretas “*eles estão presentes pra todos lá em casa*” (sic). E, finalizando, colocou cuidadosamente distante a almofada preta que simbolizava a família do marido, com quem tem uma relação atravancada e distante desde a época do namoro “*eu nem queria que eles estivessem aqui, mas não tem como, né?*” (sic).

Relevante pontuar que Natasha sempre se mostrou resistente a qualquer tipo de técnica que a movimentasse fisicamente. Em determinada ocasião, a paciente afirmou que sua dor era tão grande e profunda que receava se lançar nas técnicas e, conseqüentemente, fazer contato tão direto que não suportasse manter-se equilibrada.

Solicitei que Natasha entrasse em seu papel e percebesse como se sentia nele:

Diretora – *Como se sente?*

Natasha – *Bem protegida, né? Ui, mas me dá um pouco de sufocamento eles tudo aqui. Não dá de me mexer direito.*

Em seguida, pedi para que Natasha escolhesse com quem gostaria de conversar primeiro. Ela escolheu sua filha Bianca. Segue diálogo:

Diretora – *Oi, Bianca. Você ainda não sabe falar, mas aqui vai acontecer uma mágica e você vai conseguir falar tudo o que quiser, ok?*

Natasha, no papel de Bianca, faz sinal afirmativo com a cabeça.

Diretora – *Quem é a Natasha?*

Bianca (Natasha no papel de Bianca) – *Natasha é a mamãe. Pera. Minha mamãe e meu papai.*

Diretora – *Ela é duas?*

Bianca (Natasha no papel de Bianca) – *É que ela cuida de mim, dá comida, brinca comigo (...) mas também troca a lâmpada e arruma o portão. Ela sai de casa e fica um tempão fora, daí eu fico com vovó.*

Natasha retoma seu papel.

Diretora – *E aí, Natasha? Quer falar algo com a Bianca?*

Natasha – *Eu quero dizer pra ela...*

Diretora – *Você pode falar diretamente com ela. Ela está aqui.*

Natasha – *Filha ... [choro forte]... Eu quero te contar que o que aconteceu com o papai foi que ele mora em outro lugar. Mas tu tens um papai. O nome dele é Adriano e ele te ama muito, lá de onde ele está ...eu também te amo muito, mesmo quando eu não...quando eu não...*

Diretora (Diretora fazendo Duplo de Natasha) – *Mesmo quando eu não sabia se ia conseguir te ver nascer, se ia aguentar toda a minha dor.*

Natasha – *Mesmo quando eu não conseguia conversar contigo na barriga. A mamãe te amava...a mamãe te ama muito, filha. Eu nunca vou deixar te faltar nada, tu podes sempre contar com a mamãe. Eu e a vovó vamos cuidar de ti tu sempre vai contar com a gente...*

Foi um momento de grande intensidade emocional. Natasha já havia afirmado em sessões anteriores que, durante a gestação, não conseguiu fazer contato com a filha. A paciente relatava pesar, mas afirmava ser impossível permitir contato emocional pois acreditava que a dor da perda do pai e do marido poderia a desestruturar caso fosse sentida. Por meio da técnica no Átomo Social, Natasha pôde experimentar-se de forma mais afetuosa e emocional em seu papel de mãe.

Optei por não interromper o choro forte de Natasha neste momento, como oportunidade de poder experimentar, no ambiente seguro da terapia, suas emoções. Além disto, proporcionar a expressão dos sentimentos e a percepção de que “não se desestruturaria” durante a técnica do Átomo Social possibilitaria a catarse de integração e maior espontaneidade a Natasha diante às novas situações de sua vida. Assim que o choro se tornou mais suave, prosseguimos com a entrevista no papel:

Diretora – *Bianca, como você se sente vendo a mamãe chorar?*

Bianca (Natasha no papel de Bianca) – *Eu sei que ela chora. Ela esconde mas eu sei.*

Diretora – *E o que você quer falar pra ela agora?*

Bianca (Natasha no papel de Bianca) – *Mamãe, quando a vovó tiver a casa dela e tu a tua casa, com quem eu vou morar?*

Realizada a Inversão de Papel.

Natasha – *Bebê...eu ainda não sei como que isso vai acontecer...a mãe...a mãe...*

Diretora (Diretora fazendo Duplo de Natasha) – *A mamãe também está com medo.*

Natasha – *É. Eu to com medo...porque eu me acostumei com a vovó e a vovó se acostumou com a gente. Ela faz tanta coisa pra gente, né filha? Eu vou ter que aprender a fazer um monte coisas...e eu vou ficar com saudade...e ela também...e tu também! Mas vai ter um quarto na nossa casa pra vovó e ela disse que vai ter um quarto nosso na casa dela.*

Realizada a Inversão de Papel.

Bianca (Natasha no papel de Bianca) – *Tá bom.*

Neste momento, Natasha verbalizou sua nova preocupação: a mudança da sua mãe. Desde as mortes do pai e do marido, a paciente dividia sua casa com a mãe. Ambas construíram uma relação de intimidade e complementaridade profundas. Natasha sempre falou da mudança da mãe como algo positivo, porém, durante a técnica, pôde expressar seus medos.

O diálogo entre Natasha e Bianca foi longo. A paciente contou à filha o quanto ela se parecia com o pai, conversou sobre o início das aulas e suas inseguranças, sobre primos que ela precisaria respeitar e sobre como foi o acidente no qual Adriano morreu. A figura da “vovó” apareceu em quase todas as pautas. Assim que encerrada a conversa com a filha, Natasha quis iniciar com sua mãe.

Mãe (Natasha no papel de sua mãe) – *A Natasha está tão diferente...eu rezei tanto pra ela conseguir. Foi duro demais pra ela...ela já tinha deixado a vida dela de lado pra cuidar do pai, ela fez tudo pelo pai dela (...) Ela sempre foi parecida com o pai, e agora ela tá diferente, tá querendo viver e sair. Ela é muito jovem e bonita, ela precisa viver.*

Realizada a Inversão de Papel.

Natasha – *Mãe, obrigada por tudo. [Choro intenso] Obrigada porque eu só consegui por causa de ti (...) Tu me ajuda muito com a Bianca, tu aprendeu a dirigir pra me ajudar...eu sei que foi por amor (...) Eu tenho orgulho de ti porque tu aprendeu a viver sem o pai [da paciente] com [fazendo]coisas que tu nunca fez na vida.*

Realizada a Inversão de Papel.

Mãe (Natasha no papel de sua mãe) – *Natasha, eu aprendi tudo da vida contigo. Eu sabia que tu ias me ensinar porque tu sempre foi parecida com teu pai (...) E agora tu*

me ajudas com a perda do meu irmão [tio de Natasha recém falecido¹³]...que bom que tu está melhorando, filha.

Natasha e sua mãe conversaram assuntos diversos como o desejo de novos relacionamentos, a dor da perda recente do tio, a iniciação escolar de Bianca e a mudança de casa.

Os diálogos de Natasha com Bianca e com sua mãe foram extensos, profundos e emocionados. Pela questão do tempo de sessão, solicitei à paciente que se despedisse dos demais membros de seu Átomo Social, afirmando que as encontraria assim que necessário, no contexto dramático. Espontaneamente, Natasha fez pedidos aos integrantes do seu Átomo Social:

Natasha (para Pai) – *Pai, fica tranquilo e me manda boas energias. A mãe tá indo até no banco sozinha. Não precisa se preocupar.*

Natasha (para os irmãos e cunhados) – *Aproveitem e vivam bem a relação de casal de vocês, porque eu morro de saudade da minha.*

Natasha (para o marido) – *Adri, eu te amo ainda. Eu nunca vou deixar de te amar. E eu estou tentando viver...manda boas energias pra mim e pra bebê.*

Natasha (para família do marido) – *Tchau. Queria que vocês sumissem.*

A utilização da técnica do Átomo Social possibilitou que Natasha desempenhasse os papéis por ela identificados, sem reservas, e que entrasse em contato profundo com sua emoção. A integração entre a racionalidade e a emoção advindo dos diálogos proporcionou maior segurança diante dos próprios sentimentos da paciente.

As Inversões de Papeis dos pares “Natasha e Bianca” e “Natasha e Mãe” proporcionaram à paciente a vivência e experimentação de novas possibilidades relacionais. Natasha afirmou que, no desempenho do seu papel de mãe, sentia-se por vezes “travada” pois temia passar a Bianca o peso do luto pelo qual passava. Conversar, no contexto dramático, de forma espontânea proporcionou à paciente o reconhecimento de demandas antes não percebidas, bem como o afrouxamento das conservas culturais que trazia no desempenho de seu papel de mãe. No papel de filha, pôde experimentar a abertura total do diálogo sem o medo de se desestruturar a si mesma e à mãe.

Esta intervenção com a técnica do Átomo Social proporcionou diálogos com o pai e o marido falecidos. Muito embora tenha trabalhado as duas relações durante todo o

¹³ O tio materno de Natasha morreu em um acidente de trânsito na semana anterior à sessão descrita.

processo de elaboração do luto, esta foi a primeira vez que, de fato, Natasha “falou com” o pai e o marido. Nas ocasiões anteriores, a paciente “falava sobre”, evitando o contato direto com as emoções.

Como terapeuta, o aprendizado maior foi quanto ao objetivo da intervenção. Minha expectativa era a de mapeamento das novas relações após o período crítico de luto. Todavia, por meio da aplicação da técnica do Átomo Social, pude compreender que a elaboração do luto e o estabelecimento das novas relações de Natasha estão ocorrendo concomitantemente. Ao passo que estabeleceu novas relações, mais encorajada Natasha se mostrou para entrar em contato com as emoções geradas pelas intensas mudanças de sua vida. Na etapa do Compartilhamento, Natasha afirmou:

Natasha – *Essas pessoas são importantes, mas eu percebo que eu preciso dar espaço pra elas entrarem na minha vida. E é isso que eu to tentando.*

5.7 – A Utilização do Átomo Social na Checagem do Processo Psicoterapêutico¹⁴

Modalidade: Psicodrama Bipessoal

Objetivo terapêutico: checagem do processo psicoterapêutico.

Objetos Intermediários: almofadas e botões.

1ª sessão com a utilização da técnica do Átomo Social

Sandra, 31 anos, separada há 4, secretária. Mora com a mãe. Buscou atendimento psicológico com a queixa de que se sentia perdida em todas as áreas da vida e de que não conseguia concluir nada que iniciava. A sessão escolhida para a utilização da técnica do Átomo Social foi a terceira e teve como objetivo a auto-apresentação.

O Aquecimento Inespecífico iniciou com o questionamento de como Sandra se sentia. A paciente relatou queixas difusas e pouco concretas. Não conseguia especificar o que a incomodava, apenas sentia-se angustiada e “*perdida na vida*” (sic). Sandra emitia respostas curtas e demonstrava ansiedade ao falar. Convidei Sandra para “*uma sessão diferente das anteriores*” (sic), na qual abordáramos as relações importantes da sua vida. Sandra aceitou.

¹⁴ Relato constituído por duas intervenções com a técnica do Átomo Social.

Mostrei para Sandra qual era o espaço onde o contexto dramático se desenvolveria. Caminhando pelo espaço delimitado, iniciei o Aquecimento Específico, como mostra o diálogo a seguir:

Diretora – *Sandra, imagine que este é o seu universo particular. Nele você é o centro. Escolha uma almofada para ser você neste universo.*

Sandra pega a almofada que estava mais próxima e a coloca no centro.

Diretora – *Agora, você vai trazer pro seu universo particular todas as relações e vínculos que você considera importante. Podem ser relações importantes por serem boas ou ruins, vivos ou mortos. Você vai representa-las com as almofadas; cada pessoa será uma almofada. E você vai colocar mais perto ou mais longe, de acordo com como você percebe esta relação hoje.*

Indiscriminadamente, Sandra pegou quatro almofadas e as jogou, diferenciando-as pela distância, em seu Átomo Social. A figura a seguir ilustra a configuração feita pela paciente.

Fig. 9 – 1º Átomo Social de Sandra



Fonte: Produção realizada em consultório particular.

Sandra posicionou perto de si a mãe e a irmã (almofadas marrons), mais distante o ex-marido (almofada preta lisa) e, no limite do espaço delimitado, o pai (almofada preta lisa). Perguntei para Sandra qual daquelas pessoas saberia apresenta-la. A paciente escolheu sua mãe. Foi solicitada a tomada de papel.

Diretora – *Sandra, suba na almofada da sua mãe e feche os olhos. Agora, faça contato com a “Mãe da Sandra” que existe dentro de você. Conecte-se com ela, com o jeito de falar, de gesticular. Deixe que a “Mãe da Sandra” apareça para conversar comigo. Eu farei algumas perguntas e você vai responder, guiada pelo que essa “Mãe da Sandra” indicar. “Mãe da Sandra”, quando estiver pronta pode abrir os olhos.*

Sandra, no papel de sua mãe, abre os olhos.

Diretora – *Boa noite, “mãe da Sandra”. Eu sou a psicóloga da Sandra e estou aqui para conversar um pouco sobre ela com você, tudo bem? Qual o seu nome?*

Mãe (Sandra no papel de sua mãe) – *Samara.*

Diretora – *Eu preciso conhecer quem é a Sandra. Você pode me contar?*

Mãe (Sandra no papel de sua mãe) – *Ela é minha filha.*

Diretora – *E como é a sua filha?*

Mãe (Sandra no papel de sua mãe) – *Ela é bem insegura. Ela tenta fazer as coisas mas parece que não tem vontade.*

E assim seguiu a entrevista no papel de Samara, por meio da qual a paciente expressou a forma como percebe que sua mãe a vê: insegura, preguiçosa e “*com algum problema*” (sic). Ainda que no papel de Samara e a descrevendo como uma mulher comunicativa, Sandra demonstrou timidez e pouca fluidez verbal.

O segundo papel escolhido pela paciente foi o da irmã, Priscila. Segue o trecho da fala:

Irmã (Sandra no papel da irmã) – *A Sandra é muito medrosa e insegura. Não termina nada do que começa. Ela é mais velha do que eu, mas eu já fiz um monte de coisas que ela não fez (...) A gente morou separado um tempo, depois da separação dos nossos pais. Eu acho que ela tem ciúme porque o pai foi me buscar pra morar com ele.*

No papel da irmã Priscila, Sandra contou que a separação foi um momento difícil na infância das irmãs. O pai saíra de casa por ter sido pego em situação de adultério pela mãe, dentro da casa da família. Desde então, o pai está casado com esta mulher.

Em seguida, perguntei qual outro papel a paciente gostaria de tomar. Sandra afirmou que ambos eram muito difíceis pois não imaginaria o que eles (pai e ex-marido) pensavam sobre ela. A paciente escolheu o ex-marido, Célio.

Diretora – *Olá, Célio. O que você tem para falar sobre a Sandra?*

Sandra no papel de Célio faz um sinal de “não” com a cabeça

Diretora – *Célio, você não pode falar?*

Célio (Sandra no papel do ex-marido Célio) – *É que eu acho que ela tem problema e eu não gosto de falar.*

Sandra pediu para parar e disse que sentia algo “*esquisito*” (sic) falando no lugar dele. Contou que nunca entendeu a separação deles, muito embora tenha sido ela quem decidiu sair de casa.

O último papel desempenhado pela paciente foi o do seu pai, Pitágoras.

Pai (Sandra no papel do pai) – *Eu não sei quase nada dela. A gente mora longe e ela não me liga e eu também não ligo. Acho que eu não gosto dela.*

Sandra também pede para sair do papel de Pitágoras e diz que não sabe explicar, mas parece sentir repulsa pelo pai. Afirma não se sentir à vontade com ele e evita o contato.

Ao final, solicitei que ficasse em seu papel no Átomo Social, e perguntei o que ela gostaria de falar para cada uma daquelas pessoas.

Sandra – *Eu não consigo falar nada pra eles. Eu fico nervosa.*

Diretora – *Entendi. Mas aqui você pode falar. Vamos tentar?*

Sandra – *Eu acho que não consigo. Talvez pra mãe.*

Diretora – *Então olhe para ela. Ela está bem ali [aponta para a almofada correspondente]. O que você para dizer.*

Sandra – *Eu quero dizer que ela não devia ter aquelas crises.*

Diretora – *Você pode falar diretamente pra ela aqui. Tente novamente. Vou ser sua mãe.*

Mãe (Diretora no papel de Mãe da Sandra) – *O que você quer me falar?*

Sandra – *Eu quero dizer pra ela que eu fico com raiva quando ela tem crise porque eu acho que ela se faz um pouco.*

A paciente, muito embora sendo aquecida, não conseguiu iniciar um diálogo com seus pares de Átomo Social. Todavia, ainda que indiretamente, Sandra disse que gostaria que o ex-marido não dissesse que ela tem problemas.

Quando colocada no papel de observadora de seu próprio Átomo Social, Sandra disse que gostaria que o pai estivesse mais perto, mas que não saberia como promover a aproximação. E, ainda que encorajada, a paciente preferiu não mudar o posicionamento de nenhuma pessoa do seu Átomo Social.

Na etapa do compartilhamento, Sandra relatou a imensa dificuldade em tomar o papel do pai e do ex-marido. Não conseguiu reconhecer com exatidão o que sentia por ambos, mas afirmou que não era algo bom.

A paciente demonstrou surpresa ao ser questionada sobre os demais meios onde convive socialmente e perceber que não trouxe quaisquer destas pessoas. Disse que escuta muito as pessoas, mas que acha que não sabe conversar e por isto não permite a construção de relações mais íntimas. Sandra afirmou sentir-se feliz por estar conseguindo falar na terapia, mas revelou que sentia vergonha pela possibilidade de estar falando besteira. Solicitei que Sandra tomasse o meu papel e a entrevistei:

Diretora – *“Psicóloga da Sandra”, o que você está pensando sobre a Sandra aí, bem no fundo?*

Psicóloga da Sandra (Sandra no papel da Psicóloga) – *Eu acho que ela sofre muito.*

Sandra retomou o seu papel.

Diretora – *Sandra, eu vejo uma mulher em sofrimento que está se permitindo falar sobre ele.*

Sandra chora.

Diretora – *Você pode trazer o seu sofrimento para a terapia. E você não precisa ter uma explicação para ele.*

Na etapa do Compartilhamento, Sandra agradeceu o acolhimento e afirmou que se sentia aliviada por poder falar de coisas que sente mas não sabe explicar.

2ª aplicação da técnica do Átomo Social

Sandra agora está com 32 anos. Após um ano e dez meses em terapia, o objetivo da aplicação da técnica do Átomo Social foi o de checagem do processo psicoterapêutico.

O Aquecimento Inespecífico foi iniciado com a paciente falando que se sentia tranquila desde a última sessão. Foi iniciado um diálogo sobre os avanços que Sandra reconhecia em sua vida e sugeri a utilização da técnica do Átomo Social como forma de checagem. A paciente aceitou.

Sentamo-nos no espaço onde costumávamos desenvolver o contexto dramático. Perguntei o que Sandra recordava sobre a primeira vez que fez o seu Átomo Social:

Sandra – *Eu lembro que tinha bem pouquinha coisa e que meu pai estava bem longe.*

Confirmei a lembrança e propus que a técnica fosse realizada com a utilização de botões e apresentei uma caixa com botões de diversas cores e tamanhos. Realizei o Aquecimento Específico solicitando que Sandra fechasse os olhos e se conectasse com as relações e vínculos importantes daquele momento. Após a consigna, Sandra manuseou cuidadosamente a caixa com botões, escolhendo as peças que usaria.

Sandra – *Eu sou esse amarelo grandão!*

Em seguida, a paciente montou seu Átomo Social com a estrutura ilustrada na figura a seguir.

Fig. 10 – 2º Átomo Social de Sandra



Fonte: Produção realizada em consultório particular.

Sandra posicionou um outro botão acima daquele que a representava e afirmou:

Sandra – *Essa aqui é a minha parte que agora eu tenho. Eu não tinha antes, e agora eu cresci. Eu consigo fazer várias coisas, eu sei o que eu sinto...quase sempre. [risos] (...) Aqui sou “Eu cantora”(botão azul do lado direito), aqui é o Rafael (homem com quem está se relacionando, como botão rosa do lado esquerdo), aqui é o pessoal da banda (botões que estão alinhados com o “Eu cantora”). Meu pai vai ser esse grandão aqui e vai ficar mais perto (botão azul claro no canto esquerdo inferior), minha irmã e minha mãe aqui (botões em tons de azul à esquerda e na parte inferior). Aqui em cima fica o “Eu Professora” e o “Eu Secretária”. Deu. Quanta gente!*

Sandra demonstrou contentamento ao construir o seu Átomo Social. Tomou diversos papéis com facilidade e inverteu papéis, como demonstrado no trecho a seguir:

Marcos (Sandra no papel de Marcos, o botão mais distante de todos) – *Eu acho que a Sandra já canta muito bem. Mas ela não solta a voz toda, eu tenho certeza que tem mais voz ali (...) acho que ela fica segurando a voz.*

Realizada a Inversão de Papel.

Sandra – *Pare de falar isso, Marcos. Isso me irrita! Mas eu já te expliquei e não vou ficar repetindo, então vou te deixar aí longe de mim.*

A sessão foi suave e profunda. Quando nos papéis referentes ao desdobramento do “Eu”, Sandra demonstrou emoção. O último papel dramatizado e pelo qual a paciente demonstrou certa resistência foi o de Rafael.

Rafael é o homem com quem Sandra tem se relacionado afetiva e sexualmente. É uma relação cujo vínculo envolve alto grau de intimidade e por meio da qual Sandra tem feito descobertas importantes sobre si mesma.

Rafael (Sandra no papel de Rafael) – *A Sandra é uma garota muito bacana, é massa. A gente se curte em várias coisas...a gente conversa de tudo. Eu gosto de ficar com ela (...) Mesmo não querendo um relacionamento sério agora, eu ando de mãos dadas com ela na praia. A gente se dá super bem. Ela é uma garota muito legal. É, ela é massa.*

Na etapa do Compartilhamento, Sandra relatou que se sentiu muito tranquila. Percebeu e reconheceu a ampliação de si mesma, da quantidade de relações e do repertório comportamental. Pontuei a clareza com a qual a paciente falou sobre o que sentiu em cada situação citada. Sandra se reconheceu feliz e com vontade de continuar crescendo:

Sandra – *Quero continuar crescendo, crescendo...até o tamanho que eu couber.*

Sandra chegou à psicoterapia sem nenhum contato prévio com o Psicodrama. Sua experiência terapêutica havia ocorrido há dez anos e consistiu em 4 sessões. O primeiro objetivo alcançado por meio da utilização da técnica do Átomo Social foi possibilitar o contato da paciente com as técnicas psicodramáticas. Sandra sempre se mostrara tímida e rígida, inclusive fisicamente.

O segundo objetivo foi o de levantamento de dados para a verificação da sua Matriz de Identidade. Sandra não conseguiu iniciar diálogos com nenhum dos membros do seu Átomo Social, na primeira aplicação. Esta dificuldade na tomada de papéis

somada a outras características observadas nas sessões anteriores, indicou a Simbiose como etapa da Matriz de Identidade de Sandra. Esta verificação possibilitou intervenções mais precisas nas sessões subsequentes do processo psicoterapêutico.

A utilização da técnica do Átomo Social trouxe benefícios não planejados, no caso de Sandra. Nas sessões anteriores à primeira aplicação, a paciente afirmara não lembrar de episódios relevantes da sua infância. No papel de Priscila (sua irmã), Sandra relatou a experiência da separação dos pais, episódio bastante trabalhado posteriormente.

O reconhecimento dos sentimentos “ruins” relacionados aos homens de seu Átomo Social foi fonte de um profundo trabalho do papel de mulher de Sandra, após a primeira intervenção com o Átomo Social. Primeiro, por nomear seus sentimentos e, segundo, por constatar sua dificuldade de se relacionar com todos os homens dos quais se aproximava, independente do grupo social.

Os benefícios da aplicação da técnica do Átomo Social não ficaram restritos à etapa da dramatização. No compartilhamento, Sandra pôde reconhecer seu sentimento de vergonha e sua fantasia de que estaria “falando besteiras” (a não-validação dos seus sentimentos e emoções). Além disto, pudemos fortalecer nosso vínculo. Na sessão da semana seguinte, Sandra revelou “um segredo” que era compartilhado apenas com sua mãe e irmã e cujo conteúdo influenciava diretamente em seu modo de se relacionar com as demais pessoas.

O caráter dinâmico do conceito de Átomo Social foi concretizado nestas duas sessões de utilização da técnica. A inserção de novas pessoas, a exclusão do ex-marido, a alteração das distâncias relacionais e os desdobramentos de papéis sinalizados na segunda sessão, demonstraram o desenvolvimento da espontaneidade e criatividade de Sandra, bem como sua influência nestas modificações.

O processo psicoterapêutico de Sandra abordou diversos outros pontos neste intervalo entre as aplicações da técnica em questão. O desenvolvimento da paciente passou a ser reconhecido por ela e pelos grupos nos quais se inseria. A decisão de checagem do processo psicoterapêutico por meio do Átomo Social ocorreu, principalmente, como uma possibilidade de consolidação do desenvolvimento de (e para) Sandra.

Na segunda sessão com a técnica do Átomo Social, Sandra iniciou constatando o seu crescimento, seguido do desdobramento de seus papéis. O reconhecimento do seu papel profissional de secretária, bem como o desenvolvimento do papel de professora e

cantora foram relevantes para a paciente. A modificação do conceito de si mesma rendeu a Sandra a possibilidade de ampliar, ainda mais, o desempenho de novos papéis. Nas semanas subsequentes, a paciente relatou a vivência de experiências novas e uma profunda sensação de encorajamento perante a vida.

Outro avanço observado foi na familiaridade e qualidade do desempenho das técnicas psicodramáticas. Na última sessão relatada, Sandra inverteu papel com Marcos (colega de banda), com espontaneidade. Somado a outros aspectos observados no processo psicoterapêutico, constatei o desenvolvimento de Sandra para a etapa de Pré-Inversão de Papéis, na Matriz de Identidade.

Em se tratando de vínculos, a aproximação com o pai e a diferenciação com a mãe proporcionaram maior liberdade para Sandra. No início do processo, a paciente não relatava experiências de intimidade e vinculações importantes. Com o decorrer da terapia, pôde elaborar a separação conjugal, bem como a separação dos pais e o papel de filha. Neste momento, sente-se mais segura e livre para experimentar um vínculo amoroso de forma mais criativa e espontânea.

5.8 O (Re) conhecimento da técnica: a experiência com o Átomo Social no grupo.

Modalidade: Psicodrama Grupal

Objetivo Terapêutico: Proporcionar ao grupo a vivência psicoterapêutica por meio da técnica do Átomo Social.

Objetos Intermediários: Egos-auxiliares e almofada

Esta sessão foi realizada na Locus Psicodrama, e teve duração de duas horas. O grupo era formado por alunos da formação em Psicodrama. O aprendizado obtido com esta sessão proporcionou a mim o que propus como o “(re) conhecimento” do Átomo Social, na medida em que reconheci e experimentei a direção psicodramática com a utilização da técnica na modalidade grupal.

Como Aquecimento Inespecífico, solicitei que o grupo caminhasse pela sala e pensasse nas suas relações e vínculos relevantes daquele momento. Foi pedido que cada membro reconhecesse e fizesse contato emocional com seu Átomo Social, e pesquisasse como este o mobilizava naquele momento. Foi questionado quem se sentia mobilizado a trabalhar o seu Átomo Social e Rodrigo e Gabriela se apresentaram. Pedi que ambos falassem em formato de “manchete” qual foi a sua mobilização, preparando o grupo para

a escolha do Protagonista. Rodrigo pontuou que precisava trabalhar a relação afetiva com as filhas e Gabriela expôs que seu Átomo Social estava mudando e se sentia sensível com isto. Após o pedido para que os demais membros escolhessem a vinheta com maior impacto para si, Rodrigo foi identificado como Protagonista.

O Aquecimento Específico consistiu em uma caminhada com Rodrigo pelo espaço que denominei como “Pequeno Universo do Rodrigo”, delimitando o contexto dramático. Coloquei uma almofada na posição central representando o “Rodrigo do Átomo Social” e solicitei que Rodrigo posicionasse todas as relações que considerava emocionalmente relevantes, considerando a distância como percebia cada uma delas naquele momento. Pedi que Rodrigo utilizasse os egos-auxiliares para simbolizar os membros do seu Átomo Social.

A etapa da Dramatização foi iniciada com Rodrigo compondo seu Átomo Social, conforme a seguinte foto.

Fig. 11 – Átomo Social de Rodrigo



Fonte: Produção realizada na Clínica Locus.

Pedi que Rodrigo tomasse o papel de “Rodrigo do Átomo Social” e definisse como se sentia naquela posição. O protagonista afirmou se sentir confortável. Em seguida, solicitei que tomasse o papel de um dos membros de seu Átomo Social e Rodrigo escolheu “Fernando”.

Diretora – *Boa noite, Fernando. Quem é você no Átomo Social do Rodrigo?*

Fernando (Rodrigo no papel de Fernando) – *Eu sou o companheiro dele.*

Diretora – *Fernando, e o que você tem a dizer sobre o seu companheiro Rodrigo?*

Fernando (Rodrigo no papel de Fernando) – *O Rodrigo é a pessoa que me dá segurança. Eu e ele estamos juntos há 20 anos, ele sempre diz que eu sou essa pessoa que dá segurança pra ele...*

Rodrigo sai do papel.

Diretora – *Fernando, é você? Fiquei um pouco confusa.*

Rodrigo ri e diz que se confundiu.

Diretora – *Feche os olhos e conecte-se com o Fernando que tem dentro de você. Não se preocupe, o importante é se conectar com o Fernando daí de dentro.*

Este trecho ilustra a dificuldade apresentada por Rodrigo nas tomadas de papel e a forma como foram realizados os reaquescimentos para o desenvolvimento da dramatização. Rodrigo foi definido pelo companheiro como sendo organizado, sistemático e provedor de segurança. Fernando é companheiro de Rodrigo há 20 anos e consiste no vínculo mais próximo do Átomo Social do protagonista.

A relação trabalhada na sequência foi a com a sua ex-esposa. Rodrigo tomou o papel de Sandra e foi iniciada uma entrevista. No papel de Sandra, o protagonista relatou que o casamento durou 20 anos. Afirmou que após a separação a relação ficou conturbada e que o equilíbrio entre ambos foi retomado por Rodrigo ser “*um pai legal*” (sic).

Em seguida, a relação escolhida para ser trabalhada foi a da filha Laura. Solicitei que Rodrigo tomasse o papel da filha:

Diretora – *Oi, Laura. Quem é você?*

Laura (Rodrigo no papel de Laura) – *Eu sou a filha do Rodrigo. Tenho 21 anos eu terminei um curso e estou procurando meu caminho. Eu falei pro meu pai que eu só procurava alguém e me envolvia...Eu enrolava meu pai. Dizia que estava tudo certo e não estava, eu faltava aulas (...) Eu menti pra eles. Agora estou com um namorado. Eu trabalho num restaurante e ele foi lá no restaurante e brigou. Eu fui demitida, mas eu menti pro meu pai.*

Rodrigo retoma seu papel.

Laura (Gabriela no papel de Laura) – *Eu tenho 21 anos, to procurando meu caminho (...) meu namorado não presta e eu menti pros meus pais. Mas eu to procurando meu caminho.*

Diretora – *E aí, Rodrigo? Como você se sente ouvindo isto?*

Rodrigo – *Ela tem que se encontrar. Ela só mente, eu já tentei falar pra ela tomar um rumo na vida, mas ela só mente pra mim e pra mãe dela (...). Ela só se relaciona com pessoas que não prestam, só quer saber de gente que não presta...*

Diretora – *O que você tem pra dizer a ela?*

Rodrigo – *Eu queria dizer pra ela que...*

Diretora – *Diga a ela. Aqui você pode dizer pra ela.*

Rodrigo (para Gabriela no papel de Laura) – *Eu quero dizer pra ela...que ela tem que...*

Diretora – *Você pode falar diretamente pra ela. Olhe pra Laura e fale pra ela.*

Rodrigo – *Eu quero te dizer que você precisa tomar um caminho... [se emociona]. Eu fiz tudo, a gente fez tudo, você mentiu, só mente, não adianta...eu já falei pra ti que tens que estudar, pra parar de se relacionar com essas pessoas...*

Realizada a Inversão de papel.

Laura (Rodrigo no papel de Laura) – *Tu já me disse isso, tu já fez de tudo, mas eu só minto.*

Diretora – *Como você se sente, Laura?*

Laura (Rodrigo no papel de Laura) – *Eu estou deslocada.*

O diálogo com Laura continuou com a utilização de sucessivas inversões de papéis. Quando o conteúdo de suas falas tornou-se repetitivo, o ego-auxiliar fez uma Interpolação de Resistência:

Laura (Maria no Papel de Laura) – *Sabe pai, você fica aí repetindo que eu tenho que me encontrar, encontrar o meu caminho, que eu minto...mas eu já disse que não sei como fazer isto! Eu preciso que você me oriente!*

Rodrigo – *É. Eu estou perdido. Eu também não sei por onde ir.*

A definição de ego-auxiliar como extensão do Diretor e como agente terapêutico citada por Bermudez (1970), fica evidenciada no trecho acima descrito. A utilização da Interpolação de Resistência foi fundamental para a promoção da percepção de Rodrigo sobre si mesmo na relação com Laura. A utilização de egos-auxiliares como objetos intermediários na técnica do Átomo Social proporcionou à Diretora percepções diversificadas acerca da Dramatização. Em seguida, foram realizadas diversas inversões de papéis e a técnica do espelho. Nestes desdobramentos, Rodrigo pôde falar a Laura que a amava mais que à outra filha, e ainda, que se identificava muito com ela.

Rodrigo encerrou o diálogo com Laura visivelmente emocionado e com um longo abraço. Quando questionado, o Protagonista afirmou que nunca havia conseguido estabelecer um diálogo deste com a filha, no qual ele expôs de forma objetiva algumas experiências de sua vida.

Na sequência, o Protagonista trabalhou a relação com Ana, a última pessoa de seu Átomo Social.

Ana (Rodrigo no papel de Ana) – *Eu sou a Ana, minha relação com ele é ótima. Eu não fico muito em casa, gosto mais de ficar na casa do meu namorado, por causa das brigas da Laura com a mãe (...) esses dias a mãe descobriu uma mentira da Laura e elas brigaram e a Laura até cortou a boca, saiu sangue...*

Diretora – *Como você se sente, Ana?*

Ana (Rodrigo no papel de Ana) – *Eu saio de casa...vou pra casa do meu namorado. E com o meu pai está tudo perfeito aqui.*

O diálogo com a filha Ana prosseguiu até que fosse constatada a presença de Laura em todas as relações do Átomo Social de Rodrigo. A técnica da concretização foi utilizada com o posicionamento do ego-auxiliar que representava Laura entre Rodrigo e todos os demais membros de seu Átomo Social.

No decorrer da etapa da Dramatização, o Protagonista pôde criar e experimentar dramaticamente diversas configurações estruturais de seu Átomo Social. Ao final, a estrutura inicial foi retomada e Rodrigo foi instigado a refletir sobre os grupos sociais dos quais faz parte e sobre os diversos papéis que desempenha e suas respectivas ausências no seu Átomo Social.

A utilização da técnica do Átomo Social proporcionou que Rodrigo constatasse que o conflito com a filha Laura lhe tem tomado tanto tempo que o impede de permitir que outras pessoas o acessem de forma significativa. O Protagonista quis acrescentar uma pessoa ao seu Átomo Social, Maria. Posicionou-a ao seu lado, no papel de amiga.

Na etapa do Compartilhamento, Salete iniciou afirmando ter lembrado de sua irmã que mente muito para a família. Gabriela, que foi ego auxiliar no papel de Laura, relatou uma situação com a filha, na qual se sentiu desorientada em seu papel de mãe e buscou força espiritual. Samanta se identificou com a relação pai-filha. Relatou que está distante do pai, que ele não sabe de sua gravidez, e que não sabe como redefinir esta distância. Kátia, que foi ego auxiliar no papel de Sandra, afirmou ter sentido saudade dos pais, pois há uma distância geográfica relevante entre eles. Thiago, que foi ego auxiliar

no papel de Fernando, compartilhou sua sensação de ausência durante certo período da sessão. Afirmou que ele e seus irmãos cresceram solicitando orientação dos pais, mas nunca a receberam. Geruza, que foi ego auxiliar no papel de Ana, relatou o quanto tende a se fechar em determinadas situações de sua vida e, conseqüentemente, não encontra espaço para criar soluções. Mônica afirmou ter se emocionado nos momentos em que Rodrigo se emocionava. Rodrigo agradeceu o grupo e afirmou que as mudanças não permaneceriam naquela sala, mas as levariam para sua vida.

A aplicação da técnica do Átomo Social na modalidade grupal contribuiu para diversas reflexões. Em se tratando das técnicas psicodramáticas utilizadas, pude identificar a pluralidade de possibilidades de utilização “dentro” da técnica do Átomo Social. Por meio desta, o Diretor pode, além de alcançar os objetivos terapêuticos, apresentar, treinar e familiarizar os membros do grupo às técnicas psicodramáticas. Na etapa da dramatização, foram utilizadas as técnicas de Tomada de Papel, Entrevista no Papel, Interpolação de Resistência, Espelho e Concretização.

6. CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Mais importante do que a ciência é o seu resultado,
Uma resposta provoca uma centena de perguntas.
Mais importante que a poesia é o seu resultado,
Um poema invoca uma centena de atos heroicos”*
Jacob Levy Moreno

A proposta desta pesquisa foi motivada por questões teóricas e práticas relacionadas à intervenção clínica do psicodramatista. O reconhecimento e discussão conceitual e a descrição e análise da aplicabilidade técnica no processo psicoterapêutico foram objetivos traçados desde o princípio do trabalho. No decorrer da pesquisa, a reflexão e a vivência dos resultados que se iam sendo observados promoveu maior impulsão em direção ao estudo das infindáveis possibilidades abertas pela proposta inicial.

Nessa perspectiva, foi possível identificar o conceito de Átomo Social como o núcleo das relações emocionalmente relevantes de um indivíduo, que se constitui a partir do seu nascimento e se reconfigura frequentemente até a morte. O estudo do Átomo Social do paciente pode ser realizado em diversos momentos de um mesmo processo psicoterapêutico, contribuindo de formas variadas em cada etapa.

Sob esse ponto de vista, o reconhecimento do Átomo Social durante um processo psicoterapêutico promove a contextualização da rede sociométrica na qual o paciente está inserido. Proporciona ao psicodramatista a verificação das conservas culturais vigentes no meio social do qual o indivíduo faz parte, bem como a possibilidade de estimulação de respostas criativas e espontâneas. Ao mesmo tempo, por meio do reconhecimento do Átomo Social, o terapeuta pode acessar aspectos referentes à individualidade do paciente.

Em se tratando da técnica, a utilização do Átomo Social foi descrita em oito possibilidades diferenciadas de aplicação, com a utilização de diferentes objetos intermediários. Foram constatados ganhos terapêuticos nas aplicações como forma de apresentação, na verificação da rede sociométrica após mudança geográfica, na intervenção psicoterápica com criança, na promoção do desenvolvimento da Matriz de Identidade, no reconhecimento do contexto familiar, como instrumento na integração após processo de luto, na checagem de processo psicoterapêutico e na vivência grupal. Estas intervenções foram enriquecidas pela diversidade de objetos intermediários

utilizados durante a pesquisa como os botões, os desenhos dos animais, a caixa de trecos, as almofadas, o desenho de personagens e os egos-auxiliares. Esta diversidade proporcionou ganhos diferenciados em cada intervenção com a técnica do Átomo Social. Por meio dos botões e das almofadas, as pacientes relacionaram aspectos estéticos às relações apresentadas em seus átomos sociais, tais como tamanho, cores e formas. Os desenhos dos animais e dos personagens e a utilização da caixa de trecos possibilitou simbolização de identificações das relações para as protagonistas. Nestas intervenções, as significações conferidas continham aspectos peculiares às histórias de vida e interpretações particulares, e proporcionaram maior reflexão por meio da essência de cada simbologia. Na intervenção na modalidade grupal, com egos-auxiliares, foi observado maior dinamismo na etapa da dramatização, bem como a ampliação da possibilidade de utilização de outras técnicas psicodramáticas.

Dessa forma, foi constatada a ampla diversidade de contribuições da utilização do Átomo Social no *setting* clínico. De acordo com as características de cada processo psicoterapêutico, o psicodramatista tem a possibilidade de escolher o objeto intermediário, o momento da utilização e modalidade na qual deseja intervir clinicamente, por meio do Átomo Social.

Outrossim, a utilização do Átomo Social possibilita variadas possibilidades de intervenções ao psicodramatista clínico. Intervenções voltadas para a promoção do vínculo terapêutico, a familiarização com as técnicas psicodramáticas, a possibilidade de promover o desenvolvimento da Matriz de Identidade, a possibilidade do desenvolvimento de papéis e a posterior reconstituição do Eu do paciente, constituem contribuições relevantes da utilização do conceito e da técnica pesquisados neste estudo.

O mapeamento das contribuições e aplicabilidades da técnica e do conceito de Átomo Social no *setting* clínico é inesgotável. A cada nova demanda que se é apresentada há a possibilidade de recriação da forma de utilização do Átomo Social. Igualmente, o psicodramatista não poderá esgotar suas possibilidades de (re) conhecimento do conceito e da técnica nesta pesquisa abordados. Portanto, a utilização do conceito e da técnica do Átomo Social promove contribuições significativas no *setting* clínico.

Por fim, cabe ressaltar o leque de possibilidades que se abriu após o desenvolvimento deste estudo, como nas palavras de Jacob Levy Moreno supra citadas, possibilitando novas indagações para futuras pesquisas: “quais são as formas de utilização da técnica do Átomo Social mais adequadas para cada momento do processo

psicoterapêutico?”, ou “quais são as características do Átomo Social de pacientes em diferentes fases da Matriz de Identidade?” e “quais são as possíveis formas de utilização do Átomo Social nas diferentes etapas do método Psicodramático?”.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, W. C. (1982). *Psicoterapia aberta: O método do psicodrama*. São Paulo: Ágora.
- Amato, M. A. (2002). *A poética do psicodrama: o grupo autogerido e a dinâmica da cena*. São Paulo: Aleph.
- Araújo, M. G. (1973). O Objeto Intermediário: Extensão e Aplicação do seu Conceito em Psicoterapia. *Revista Latino-Americana de Psicologia*, 25 (2), 93-98.
- Bermudez, J. G. R. (1970). *Introdução ao psicodrama*. (3ª ed.) São Paulo: Mestre Jou.
- Bernardes, M. P. (2005). *Perfil psicológico e a escolha da profissão: Estudo de caso em cursos de engenharia*. (dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Bustos, D. M. (1990). *Perigo...Amos à vista! Drama e psicodrama de casais*. (2ª ed.) São Paulo: Aleph.
- Cukier, R. (1992). *Psicodrama bipessoal: Sua técnica, seu terapeuta e seu paciente*. (4ª ed.) São Paulo: Ágora.
- Dias, V. R. C. S. (1987). *Psicodrama: teoria e técnica*. (3ª ed.) São Paulo: Ágora.
- _____ (1996). *Sonhos e psicodrama interno na análise psicodramática*. São Paulo: Ágora.
- _____ (2008). *Psicopatologia e psicodinâmica na análise psicodramática*. (Vol. 2) São Paulo: Ágora.
- Duclós, S. M. (2000). Relacional e Vincular. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 8 (1).
- Fonseca, J. (2008). *Psicodrama da loucura: correlações entre Buber e Moreno*. (7ª ed.) São Paulo: Ágora.
- Gonçalves, C.S. (1993). Técnicas básicas: Duplo, espelho e inversão de papéis. In Monteiro, R. (org.), *Técnicas fundamentais do psicodrama*. (pp. 19-31). São Paulo: Editora brasiliense.
- Gonçalves, C. S., Wolff, J. R., & Almeida, W. C. (1988). *Lições de psicodrama: Introdução ao pensamento de J. L. Moreno*. São Paulo: Ágora.

- Guimarães, L. A. (2000). *Aspectos teóricos e filosóficos do psicodrama*. Recuperado de http://www.febrap.org.br/pdf/Aspectos_Teoricos_Filosoficos_psicodrama.pdf .
- Kaufman, A., & Gonçalves, C. S. (1988). Psicodrama com crianças. In Gonçalves, C. S. (org.), *Psicodrama com crianças*. São Paulo: Ágora.
- Marineau, R. F. (1992). *Jacob Levy Moreno*. São Paulo: Ágora.
- Moreira, L. M. & Esteves, C. S. (2012). Revisitando a Teoria do *setting* terapêutico. *Psicologia.pt: O Portal dos Psicólogos*. Recuperado de <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0628.pdf> .
- Moreno, J. L. (1993). *Fundamentos do psicodrama*. (2ª ed.) São Paulo: Summus.
- _____ (1994). *Quem sobreviverá?* Goiânia: Dimensão.
- _____ (2007). *Psicodrama*. (11ª ed.) São Paulo: Cultrix.
- Romano, C. (2010). *Tempo para se relacionar: Átomo social e a saúde física e mental*. Recuperado de <http://www.abps.com.br/boletins/pub2.pdf> .
- Salvaro, G. I. J. (2004). *A constituição do Eu no psicodrama: Alguns apontamentos*. (monografia) Locus Partner RH, Florianópolis.
- Santos, A. G. (1993). Auto-apresentação, apresentação do átomo social, solilóquio, concretização e confronto. In Monteiro, R. (org.) *Técnicas fundamentais do psicodrama*. São Paulo: Editora brasiliense.
- Siena, O. (2007). *Metodologia de pesquisa científica: Elementos para elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos*. (dissertação de mestrado). Departamento de Administração, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho.

8. ANEXO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Fica garantido o sigilo das informações. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Do Conceito à Técnica: o (re) conhecimento da utilização do Átomo Social no setting clínico.

Pesquisador Responsável: Luciana de Sousa Marcon

Telefone para contato: (48) 99980150

Email de contato: Luciana.marcon@gmail.com

O objetivo do trabalho é refletir sobre o conceito e a técnica do Átomo Social quanto a sua aplicabilidade no setting clínico, promovendo conhecimento e reconhecimento. Trata-se de uma pesquisa-ação, na qual serão aplicados instrumentos teórico-práticos próprios do Psicodrama, como técnicas, teoria do desenvolvimento, teoria dos papéis, entre outras, a fim de promover a saúde psicológica por meio da leitura conceitual e do resgate da criatividade e espontaneidade. Estão incluídas nesta pesquisa pacientes do consultório particular e alunos da Locus Psicodrama.

Luciana de Sousa Marcon

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo Do Conceito à Técnica: o (re) conhecimento da utilização do Átomo Social no setting clínico, como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pela pesquisadora Luciana de Sousa Marcon sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido o sigilo das informações e que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Florianópolis, 08 de março de 2016.

Nome Completo: _____

Assinatura: _____